SESSENTA ANNOS DE JORNALISMO

A IMPRENSA NO MARANHÃO

SESSENTA ANNOS DE JORNALISMO

A IMPRENSA NO MARANHÃO

1820-1880

POR

IGNOTUS

EDITORES
FARO & LINO — RUA DO OUVIDOR — 74
RIO DE JANEIRO
1883

AO JORNALISTA ILLUSTRE

Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo

Ignotus

CAPITULO PRIMEIRO

I — Preliminares. II — Plano da obra. III — O periodo de sessenta annos. IV — Typographias no Maranhão. V — Synopse jornalistica.

SESSENTA ANNOS DE JORNALISMO

I

No anno de 1826 avaliava Balbi em 3,168 o numero de jornaes publicados em todo o mundo, e distribuia-os por este modo:

Na Europa 2,142 e na America 978.

Cincoenta annos depois, elle reformava o calculo e orçava em 12,500 os jornaes existentes.

Essa estimativa foi alterada em 1878 por E. Hatin, na sua HISTORIA DO JORNAL. Fixa elle em 25,000 o numero dos jornaes impressos nas differentes partes do mundo, e os distribue do seguinte modo:

Na Europa 14,000; na America 10,000; e os 1,000 restantes na Asia, Australia, etc., etc.

Em 1846 publicavam-se só na Inglaterra 551 folhas diarias e semanaes, sendo 130 em Londres, e o resto nos condados, na Escossia, Irlanda e paiz de Galles.

Em 1856, pela suppressão do sello, elevou-se o numero das folhas inglezas á 1,102, quasi o dobro.

Estes curiosos dados estatisticos mostram perfeitamente, que é pela imprensa jornalistica que se avalia, melhor do que por outro qualquer symptoma, da civilisação e adiantamento de um povo.

É assim que, com o desenvolvimento do progresso, vai em toda parte a imprensa em uma marcha ascencional.

Embora de certo tempo á esta parte procurem os jornaes mais deleitar do que instruir, não é menos certo que a elles devemos todas as grandes conquistas da liberdade.

A imprensa brazileira é, sem duvida alguma, adiantada e numerosa. A ella pertenceram os nossos principaes estadistas. Quasi que podemos dizer, como ha pouco o fazia, cheia de orgulho, uma revista colombiana:

« Todos os presidentes da Colombia, desde San tander até Nunez, sahiram do jornalismo. »

A imprensa da provincia do Maranhão é uma das mais notaveis do imperio, quer pela importancia politica que exerceu, quer pelo valor litterario dos que nella militaram

II

Talvez fosse mais conveniente dividir esta memoria em pequenos capitulos com referencia, cada um delles, aos jornaes que successivamente viram á luz no Maranhão, mas esse plano, além de muito cheio da subdivisões, tornava-se difficil desde que muito pouco ha a dizer de alguns periodicos sem existencia politica ou litteraria bem assignalada.

Tambem fôra impraticavel a divisão por classes, incluindo n'uma só as folhas politicas, n'outra as litterarias, e em uma outra as neutras. A impraticabilidade desse systema deriva da indecisão de certos programmas, não sabendo-se ao certo classificar algumas publicações com intuitos litterarios, mas em substancia folhas politicas; como outras, que, se dizendo neutras, tomaram parte activa no movimento partidario da provincia.

Assim, pois, preferimos a narração por datas, fazendo uma especie de synopse das folhas que foram se succedendo, desde a entrada do primeiro prélo no Maranhão, pondo em evidencia a preponderancia que certas individualidades politicas e litterarias exerceram no jornalismo da provincia, e a influencia deste no meio onde circulava.

Quanto fôr possivel, procuraremos estudar o que se fez no Maranhão devido á força poderosa da imprensa; e o que se deixou de fazer máo grado os esforços desse grande propulsor do progresso e da civilisação

III

Julgarão que é um trabalho de pouca importancia, e talvez que de nenhum alcance social, esta quasi que simples enumeração dos periodicos impressos em uma provincia remota, e em periodo tão proximo, que não póde dar ao narrador a precisa imparcialidade. Demais, já o disse Guizot: « Se as MEMORIAS se publicam muito cedo, são indiscretas ou insignificantes, porque falla-se no que conviria calar, e cala-se o que seria util dizer. »

Acreditamos, porém, que não é cedo para tratar de cousas passadas ha mais de meio seculo, sendo que não emittimos juizo definitivo sobre os factos que são nossos contemporaneos.

Sob qualquer ponto de vista que se pretenda estudar, os jornaes são os melhores testemunhos da historia de uma época.

Todavia este trabalho é modesto e não tem semelhança com as obras de Hunt e de James Grant sobre a imprensa ingleza. Não é como a monographia anecdotica de todos os periodicos da Gram-Bretanha, feita por este ultimo, depois que deixou a direcção do MORNING ADVERTISER, nem como a memoria succulenta que o primeiro escreveu sob este significativo titulo: O QUARTO PODER.

A imprensa jornalistica do Maranhão começou a viver antes da independencia do imperio. Como de tudo o que se prende a esse tempo, que é o nosso passado politico, deve-se sobre ella emittir juizo, estudando-a á luz dos acontecimentos.

Tomamos para ponto de partida a inauguração do primeiro prélo na capital da provincia, e chegamos até o anno de 1880, momento escolhido para esboçarmos este trabalho, que sómente agora poderá ser impresso.

Limitamo-nos a citar datas e factos sempre que o periodico em questão seja recente. Por esse motivo, a primeira parte deste livro parecerá mais um indice chronologico, ou ligeira nomenclatura das publicações jornalisticas no Maranhão.

Apezar disso, porém, julgamos que não é destituido de interesse semelhante ensaio, porque elle fornecerá elementos para bem se aquilatar do movimento intellectual, e do pendor para as luctas da imprensa em uma provincia notavel e rica de illustrações.

IV

A primeira typographia que funccionou no Maranhão foi a mantida pelo erario real em 1821. Chegou de Lisboa á 31 de Outubro d'esse anno e começou logo á funccionar.

Tinha uma administração composta de tres membros, sendo o principal um desembargador.

Até 1830 foi essa a unica imprensa que possuio a provincia. Depois da independencia passou á denominar-se TYPOGRAPHIA NACIONAL IMPERIAL.

Em 1830 fundou Clementino José Lisbôa a TYPOGRAPHIA CONSTITUCIONAL.

Muitas outras se estabeleceram, até que, em 1843, Francisco de Salles Nunes Cascaes, regressando da Europa, trouxe prélos francezes e introduzio nas officinas existentes alguns melhoramentos typographicos.

O trabalho de impressão teve então varios aperfeiçoamentos. A typographia do PROGRESSO, pertencente aos Drs. Fabio Reis e Theophilo de Carvalho, mandou vir prélos americanos e caprichou nas edicções de obras avulsas que n'ella eram impressas.

Foi n'essa officina, da qual por fim tornou-se chefe, que distinguio-se pela pericia e primor artistico o notavel typographo-editor Belarmino de Mattos, denominado com justa razão o DIDOT MARANHENSE. Foi Belarmino o editor das mais notaveis obras que se publicaram no Maranhão e, á par da perfeição com que faziam-se as impressões em suas officinas, era muito para admirar a satisfação e enthusiasmo que elle mostrava quando de seus prélos sahiam escriptos excellentes de seus comprovincianos illustres.

Na exposição brazileira de 1867 foram os livros impressos na typographia d'esse editor considerados em tudo iguaes ao que de mais escolhido appareceu perante o jury geral.

Entre as notaveis officinas typographicas do Maranhão convém especialisar a do Sr. Corrêa de Frias, que já conta muitos annos de existencia sempre progressiva em melhoramentos, e que é hoje uma das melhores da provincia pela perfeição e bom gosto de seus productos.

Foi n'essa typographia que, pela primeira vez, se fizeram grandes tiragens de obras de grande tomo. As mais extensas edicções no Maranhão, até o appare-

cimento do Livro do Povo, era de mil exemplares; o Sr. Frias foi o iniciador das edicções de dez e dezeseis mil exemplares.

Presentemente são muitas as typographias que conta a provincia do Maranhão.

V

Desde 18 de Abril de 1821 que começou a publicar-se em S. Luiz, capital da provincia, a folha manuscripta intitulada O CONCILIADOR DO MARANHÃO.

Sahiam centenas de exemplares, que eram lidos com avidez.

Com a chegada do primeiro prélo, passou a ser impressa aquella folha.

Sigamos a ordem chronologica :

1821

E' impresso o CONCILIADOR DO MARANHÃO, jornal official e noticioso.

Occupa-se de assumptos proprios á seu destino. Dá resumidas noticias do exterior, faz algumas transcripções, e traz varios annuncios de caracter official.

Seu formato era o da folha de papel almaço commum.

Durou até o anno de 1823.

A typographia em que se imprimio este periodico foi estabelecida no edificio onde hoje funcciona o hospital da Mizericordia.

O CONCILIADOR, quando vulgarisado como folha manuscripta, era preparado no pavimento terreo da casa que foi collegio dos jesuitas, e é hoje a Relação do districto.

1823–1824

Nesse periodo, agitado por muitos tumultos, pouco importante foi o papel da imprensa, devido á falta de segurança e de liberdade na provincia.

Apenas, em 1823, o AMIGO DO HOMEM, redigido pelo advogado João Chrispim Alves de Lima, veio á luz, pugnando pelos retrogrados.

Esse periodico deixou de ser publicado em 1826.

Seu formato, como o de quasi todas as folhas da provincia até 1840, era o mesmo do CONCILIADOR.

Dentro d'esse lapso de tempo tão sómente o CENSOR e o ECHO DO NORTE eram em oitavo, em fórma de livro, com 12 paginas cada numero.

1825

A 20 de Janeiro sahe o primeiro numero do Argos da Lei, redigido por Manoel Odorico Mendes.

O Argos foi um periodico ardente e patriotico.

— N'esse mesmo anno publica-se a Minerva, folha retrograda, redigida por David da Fonseca Pinto.

— Apparece tambem o Maranhense, de Francisco Sotero dos Reis, folha conciliadora.

Sobre Odorico Mendes e Sotero dos Reis faremos mais adiante algumas considerações relativas á influencia que exerceram no jornalismo maranhense.

— A 28 de Janeiro de 1825 vem á luz o Censor, periodico corcunda, sob a direcção de João Antonio Garcia de Abranches.

Em Maio d'esse anno é preso e deportado seu redactor principal por ordem do presidente Telles Lobo.

O CENSOR foi publicado com interrupções até Dezembro de 1830.

— Sahem tambem em 1825 o PORAQUÉ e a BANDURRA, de João Chrispim.

São folhas chocarreiras e de somenos importancia.

1828

Em Janeiro d'esse anno apparece o primeiro numero do PHAROL MARANHENSE, redigido por José Candido de Moraes e Silva.

Folha de grande influencia na provincia pela elevação do seu patriotismo e idéas adiantadas que professava, discutia as questões no tom de tribuno ardente e era um oraculo no seio das massas populares. Em 1831 foi o PHAROL suspenso por ter José Candido de homisiar-se.

— Vem á lume n'esse anno a PALMATORIA, do padre Antonio da Cruz Ferreira Tesinho.

Era folha de horisontes acanhados e de grande virulencia na linguagem. Questões pessoaes, d'essas que formam a grande bagagem dos A' PEDIDOS nas folhas de hoje, e, sobretudo, as de caracter anonymo e como « mofinas », eis o que constituiam os editoriaes da PALMATORIA. Teve duração ephemera.

1829

A' 4 de Julho sahe o primeiro numero da ESTRELLA DO NORTE, redigida por J. Pereira da Silva.

Suspende a publicação em Maio de 1830.

O Maranhão, que n'esse anno começou a ser governado pelo desembargador Candido José de Araujo Vianna, depois Visconde de Sapucahy, entrou n'um periodo tranquillo, sobretudo se o confrontarmos com o anterior.

Contribuio muito para isso o primeiro acto de seu governo mandando revogar o assentamento de praça do popular jornalista José Candido de Moraes e Silva e restituil-o á liberdade.

1830

Apparece a BUSSOLA e o SEMANARIO OFFICIAL, redigido por Manoel Monteiro de Barros.

O SEMANARIO foi substituido pelo PUBLICADOR OFFICIAL.

Eram muito limitados os assumptos de que se occupava.

— Começa n'esse anno a ser publicado o CONSTITUCIONAL, redigido por Sotero dos Reis e Odorico Mendes.

Professava idéas moderadas, dando força á auctoridade.

Mais tarde e sob sua exclusiva redacção fundou Sotero dos Reis um novo CONSTITUCIONAL, que não deve de ser confundido com este.

1832

Redigido por João Francisco Lisboa, apparece em Agosto o BRAZILEIRO.

Em Novembro suspende a publicação, ou antes é substituido pelo PHAROL MARANHENSE, que, sob a direcção de José Candido de Moraes e Silva, tivera uma primeira série.

Fazendo reapparecer o PHAROL, João Lisboa não apresentou esta folha como periodico novo, mas declarou-se continuador da obra de Moraes e Silva, assumindo toda a responsabilidade do passado.

— Sahem tambem n'esse anno o ESCUDO DA VERDADE, redigido por João Antonio de Lemos, e o MONITOR LIBERAL, ambas folhas de violenta opposição.

1834

A' 3 de Julho vem á lume o primeiro numero do ECHO DO NORTE, fundado por João Francisco Lisboa.

Assim como o AMERICANO, fundado em 1836, o ECHO DO NORTE defendeu e auxiliou efficazmente a administração do presidente Costa Ferreira, depois Barão de Pindaré.

O ECHO DO NORTE era orgão do partido liberal de então.

Pode-se dizer que foi elle o primeiro jornal democratico educado na escola das liberdades moderadas.

— Tambem são publicados o PUBLICOLA e o CORREIO, de redações anonymas.

1835

Publica o CACAMBO Luiz Carlos Cardoso Cajueiro, deputado á assembléa geral legislativa.

Era folha de combate, escripta com vehemencia.

Batia-se denodadamente com João Lisboa e Sotero dos Reis que então redigia o INVESTIGADOR.

O CACAMBO teve uma certa voga pelas luctas que sustentou com os grandes athletas que n'aquella quadra tinha a imprensa do Maranhão.

Evidentemente mais jornalistas do que Cajueiro, Sotero e João Lisboa sempre o levavam de vencida.

1836

Sotero dos Reis funda o INVESTIGADOR, que dura até 1840, quando é substituido pela REVISTA.

— Começa a ser publicado o AMERICANO, sob a direcção do Dr. Joaquim Franco de Sá.

Esse periodico sustenta a administração Costa Ferreira.

Sendo nomeado juiz de direito, o seu principal redactor, por escrupulos de magistrado, faz n'esse mesmo anno desapparecer o AMERICANO.

O primeiro numero apparecera á 21 de Janeiro e o ultimo á 9 de Abril; sahiram apenas 12 numeros. Era hebdomadario e trazia esta epigraphe de Rousseau :

« Não se deve confundir a vontade de um povo com os clamores de uma facção. »

1837

Vem á luz o SETE DE SETEMBRO redigido por Joaquim José de Figueiredo e Vasconcellos. Em Dezembro do anno seguinte deixa de ser publicado.

Como um enxame de pequenos jornaes que então circulavam, mais ou menos pelo padrão do LEGALISTA ou do AMIGO DO PAIZ, o SETE DE SETEMBRO como essas folhas de pequena nomeada, eram todas eclypsadas pela REVISTA, fundada no anno antecedente e que combatia-as com decidida vantagem.

1838

No dia 2 de Janeiro vem á lume a CHRONICA MARANHENSE, redigida por João Lisboa.

Era orgão do partido liberal, e sustentou-se na arena até 24 de Março de 1841.

— Em Junho sahe o BEMTEVI, folha satyrica, na qual, entre outros collaboradores, distinguia-se Estevão Raphael de Carvalho, espirito mordaz e epigrammatico.

Tambem, de par com as verrinas d'aquella publicação incendiaria, sahiam em suas columnas algumas quadras e sonetos chistosos, attribuidos a Raymundo Cantanhede, que primava nesse genero de composição.

— Por esse tempo surgem a CHRONICA DOS CHRONISTAS que pouco viveu, e o AMIGO DO POVO que teve rapida existencia.

1839

Da typographia Imparcial Maranhense sahe o primeiro numero do DESPERTADOR MARANHENSE, periodico que teve escassa vulgarisação e não foi publicado senão por espaço de quatro mezes.

— N'esse mesmo anno appareceu o MILITAR folha destinada a defender a classe militar, discutindo assumptos technicos.

Viveu pouco tempo devido a falta de interesse que despertava esses assumptos em uma provincia onde o espirito militar não tem exaltações como em outras de suas irmãs.

Talvez outra fosse sua acceitação, no periodo que felizmente já havia passado, dos motins militares.

1840

No principio do anno Sotero dos Reis entrega ao publico a REVISTA em opposição a CHRONICA de João Lisboa.

— Advogava idéas conservadoras.

Durou a REVISTA até o anno de 1850.

Da typographia de Francisco de Salles Nunes Cascaes sahe o primeiro numero do LEGALISTA, folha que teve diminuta circulação.

— No fim deste anno publica-se na typographia de J. José Ferreira o JORNAL MARANHENSE, que viveu pouco tempo.

Na typographia do Sr. Ignacio José Ferreira, uma das mais antigas da capital do Maranhão, foram depois impressas muitas outras folhas de importancia.

1842

Apoiando a administração da provincia sahe á lume o CORREIO MARANHENSE redigido pelo Dr. Manoel Jansen Pereira, grande discutidor e polemista fertil em recursos. Collaborava assiduamente no CORREIO o Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.

— Em opposição a esse periodico appareceu o DESSIDENTE, redigido pelos Drs. Fabio Reis, Dias Vieira, Fernando, e Francisco Vilhena.

O DESSIDENTE advogava idéas liberaes. Desappareceu em 1843, tendo como substituto o ECHO DA OPPOSIÇÃO, com os mesmos redactores.

— Em Julho d'esse anno é fundado o PUBLICADOR MARANHENSE, orgão official. Sahio tres vezes por semana até 1862, quando tornou-se diario. Até 1855 foi o PUBLICADOR MARANHENSE redigido por João

Lisboa. Em 1856 assumio Sotero dos Reis sua redacção, onde se conservou até 1861; d'essa data até 1863, seu redactor foi Themistocles Aranha, substituido pelo Dr. Ovidio da Gama Lobo, que se conservou na redacção até 1864. Todo esse anno foi o PUBLICADOR redigido pelo Dr. A. Henriques Leal. Em 1865 entrou para a redacção o Dr. Felippe Franco de Sá, passando em 1866 a ser redigido por empregados da secretaria do governo.

O PUBLICADOR MARANHENSE, do qual é proprietario o major Ignacio José Ferreira, pelas innumeras redacções que tem tido, faz lembrar o que a mythologia disse do navio de Theseo: Á força de ser reparado era sempre o mesmo navio, se bem que por fim já não possuisse uma só das peças que serviram para sua construcção.

O PUBLICADOR, além de folha noticiosa, doutrinaria e encarregada do expediente do governo, inserio, de certo tempo em diante, os debates da asssembléa provincial.

Durante a redacção dos Drs. Henrique Leal, Franco de Sá e Themistocles Aranha, o PUBLICADOR deu a seus leitores excellentes artigos sobre finanças da provincia, discutia as leis iniciadas na assembléa provincial, e defendia a adminstração, apreciando a politica geral.

Quando Sotero dos Reis o redigio, appareceram os folhetins litterarios de Flavio Reimar, Pietro de Castellamare e Sancho Falstaff, pseudonymos

de Gentil Braga, Marques Rodrigues e Joaquim Serra.

O que foram as redacções de Sotero dos Reis e João Lisboa, diremos em outro logar.

— Da typographia MONARCHICA CONSTITUCIONAL sahe tambem em 1842 o periodico recreativo intitulado MUSEU MARANHENSE. Sua existencia foi ephemera.

1843

Apparece o MARANHÃO, redigido pelo Dr. Fernando Vilhena.

Periodico muito bem escripto, mas que desappareceu depois dos primeiros numeros.

O Dr. Fernando Vilhena, assim como seu distincto irmão o Dr. Francisco Vilhena, que escreveu em outros jornaes, além de escriptores notaveis pela vernaculidade da phrase, eram abalisados jurisconsultos.

Se a morte não o houvesse arrebatado prematuramente, talvez possuissemos um Codigo Civil, pois já tinha o Dr. Fernando Vilhena escripto grande parte d'essa obra, que era a sua preoccupação.

Foi pena que o periodico MARANHÃO, que tão bem começou, acabasse logo.

1845

Sahe o UNITARIO, orgão de uma fracção do partido Bemtevi denominada Estrella.

São redactores do UNITARIO os Drs. Maciel da Costa, Tavares e Moraes Sarmento.

— A 15 de Janeiro d'esse anno imprime-se o JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO, revista creada por uma associação litteraria de que faziam parte, entre outros talentosos jovens, os Srs. Luiz Antonio Vieira da Silva, Antonio Henriques Leal, Pedro Guimarães, Augusto Frederico Colin, Reis Raiol, etc., etc.

O JORNAL DE INSTRUCÇÃO, além de muitos artigos sobre ensino, methodos e systhematisação de estudos, era revista de litteratura amena, verdadeiro repositorio de trabalhos dignos da maior vulgarisação.

1846

Apparece o primeiro numero da REVISTA da SOCIEDADE PHILOMATICA.

Esta sociedade fundada pelos Drs. Theophilo Leal, Silva Maia, Fabio Reis, Raymundo Mattos, Antonio Rego, Vilhena, Gomes Belfort (depois Barão de Coroatá) e outros, instituio prelecções scientificas e litterarias, aos domingos, no salão da camara municipal. Cabe-lhe, portanto, a honra de haver sido a iniciadora das conferencias no genero das que se fazem hoje na escola da Gloria, na côrte.

Os poucos numeros que sahiram da REVISTA DA SOCIEDADE PHILOMATICA foram consagrados á assumptos scientificos e especialmente agricolas.

— Tambem n'esse anno apparece o primeiro numero do ARCHIVO MARANHENSE. Veio em substituição do JORNAL DE INSTRUCÇÃO e RECREIO.

N'esse periodico litterario, habilmente redigido, appareceram algumas das primeiras poesias de Gonçalves Dias, taes como « Seus olhos », a « Mendiga », etc., etc.

— Foi no correr do anno de 1846 que irromperam como uma praga essa nuvem de jornaletes desbragados no fundo e na fórma de seus artigos, pasquins que foram eloquentemente verberados no JORNAL DE TIMON, e aos quaes nos referimos em outro capitulo.

1847

A 2 de Janeiro inicia-se a publicação do PROGRESSO, primeira folha diaria que teve a provincia. Formato grande e bom papel. Era redigido pelos Drs. Fabio Reis, Theophilo de Carvalho, Pedro Leal e Antonio Rego. Tinha typographia propria, com muitos melhoramentos, e não era impressa, como as demais folhas do Maranhão, em prélos pesados, pois adoptara os do modelo denominado « Aguia »; tambem tinha aperfeiçoado o systema para a paginação.

O PROGRESSO era folha litteraria e muito noticiosa; na parte politica pregava idéas liberaes e defendia a administração Franco de Sá.

Em 1848 passou a ser redigido pelos Drs. Carlos Ribeiro e Ferreira Valle (depois Visconde do Desterro), até que em 1857 foi substituido pela IMPRENSA, que

sahia tres vezes por semana. Reappareceu em Março de 1861, redigido pelo Dr. A. Henrique Leal, e cessou de todo sua publicação em 1862.

— Em Julho de 1847 toma logar na imprensa, o ESTANDARTE, orgão do partido — Estrella —, redigido pelos Drs. Maciel da Costa, Eduardo de Freitas, Joaquim Tavares, Pedro Cantanhede, e depois por Jorge Sobrinho.

Era folha muito vehemente nos ataques, e de grande intolerancia.

O fino espirito de Eduardo Freitas e de Pedro Cantanhede dava um certo saynete as criticas acerbas que figuravam no ESTANDARTE. Uma serie de artigos, sob a rubrica MASCARADA, durante a ultima phase da administração do presidente Eduardo Olympio Machado, dão testemunho tanto da virulencia como dos epigrammas e mordacidade do ESTANDARTE.

Desappareceu da arena em Maio de 1857, quando, pelo congraçamento dos dous grupos que o mantinham e mais ao PROGRESSO, as duas folhas cederam o passo á IMPRENSA, orgão dos interesses communs.

— Em Agosto desse anno apparece o OBSERVADOR redigido, até 1850 pelo Dr. Candido Mendes de Almeida; por Sotero dos Reis até 1856; e por Dionysio Alves de Carvalho até 1861, quando terminou sua existencia.

O OBSERVADOR era orgão doutrinario do partido conservador.

Foi o Dr. Candido Mendes um escriptor abalisado e os seus trabalhos, em obras de grande valia e maior tomo, attestam o merito do polemista. Embora intolerante na politica local, deixou paginas notaveis no OBSERVADOR.

Collaborou nessa folha o Dr. Frederico José Corrêa, de merito reconhecido tanto nos debates politicos como na controversia litteraria.

1849

Sahe o primeiro numero da REVISTA UNIVERSAL MARANHENSE, jornal litterario do qual é director o Dr. Pedro Leal, e collaboradores os Drs. Viriato Bandeira Duarte, Fabio dos Reis, Jauffret, Antonio Rego, Henriques Leal e Theophilo de Carvalho. Os escriptos litterarios do Dr. Jauffret eram primorosos e de um sabor classico. Conhecendo á fundo tanto o idioma portuguez como o francez, emprehendeu a traducção dos LUZIADAS em alexandrinos frncezes, e os trechos que deixou da versão, não acabada, são dignos de nota. O episodio de Adamastor, impresso no PARNASO MARANHENSE, é admiravel. O Dr. Jauffret não foi porém um jornalista.

A REVISTA UNIVERSAL desappareceu á 15 de Abril de 1850.

— Em Julho apparece o PORTO FRANCO, periodico commercial redigido pelo Dr. Jorge Junior e Henrique Roberto Rodrigues. Apezar de bem escripto teve pouca aceitação no commercio, e findou sua carreira em fins de 1851.

1851

No principio do anno funda-se o ARGOS MARANHENSE, orgão liberal de idéas muito adiantadas. São seus redactores o Dr. João Nunes de Campos, José Vicente Jorge e Raymundo J. dos Reis.

Os escriptos do Dr. Nunes de Campos eram em linguagem tão elegante como correcta.

Polemista incisivo e valente, discutiu com grande superioridade muitos actos da administração provincial á que fazia opposição.

Foi uma publicação brilhante e auspiciosa, mas que durou pouco. Apenas distribuiram-se 26 numeros, e desappareceu o ARGOS em Julho desse mesmo anno.

— Sahe o CORREIO DE ANNUNCIOS sob a redacção de Sotero dos Reis. Nesse mesmo anno é substituido pelo CONSTITUCIONAL com a mesma redacção.

O CONSTITUCIONAL deixou de sahir em 1855.

1852

Em Janeiro começa a ser publicado o GLOBO, do qual era redactor o proprietario da typographia José da Cunha Torres.

Apparecia tres vezes por semana e desappareceu em 1855.

— Tambem nesse anno veio á luz o ECCLESIASTICO, periodico dedicado aos interesses da religião, sob a redacção dos conegos Raymundo Alves dos Santos, e Francisco José dos Reis. Era folha de doutrina, escripta com moderação e brandura. Viveu até o anno de 1862.

— Da typographia Temperança sahe o primeiro numero do DESPERTADOR.

Este jornal, politico e litterario, nada tinha de commum com o DESPERTADOR MARANHENSE impresso em 1839. Teve existencia curta.

1854

Publica-se na typographia de J. C. da Cunha Torres o CHRISTIANISMO, semanrio religioso, redigido pelo conego Manoel Torres da Silva, e frei Vicente de Jesus.

Escripto com talento e em linguagem grave e moderada, esse periodico foi muito bem aceito, e teve circulação por espaço de dous annos.

As duas folhas religiosas, que até essa data figuraram na arena jornalistica, caprichavam em viver arredias de qualquer polemica, limitando-se á publicação de actos do bispado, artigos originaes ou transcriptos relativos a doutrina catholica, historia, moral e noticias.

Ambas foram publicadas sob os auspicios do Diocesano.

1855

Apparece o DIARIO DO MARANHÃO sob a redacção do Dr. Antonio Rego.

E' dedicado á noticias commerciaes, trazendo sempre grande cópia de transcripções estrangeiras. Desappareceu provisoriamente da arena jornalistica em 1853.

O Dr. Antonio Rego, escriptor popular e grande vulgarisador, tanto nos seus artigos para a imprensa como em mais de um livro que deu a luz, mostrou-se sempre espirito adiantado, democratico, e estylista muito agradavel. Uns folhetins que publicou nessa folha, e outros mais tarde no PUBLICADOR MARANHENSE, sob o pseudonymo de « Abondio », foram lidos com interesse pelo despretencioso do dizer, e sensatez das observações.

1856

A' 9 de Julho sahe a NOVA EPOCHA, folha conservadora, redigida pelos Drs. Luiz Antonio Vieira da Silva e Manoel Moreira Guerra.

Sustentou grande luta com a imprensa adversa e era um ferrenho paladino da politica provincial. Em 1858 foi substituido pelo SECULO.

— A 20 de Setembro vem á lume a CONCILIAÇÃO, de que são redactores os Drs. Francisco Vilhena, Marques Rodrigues, Henriques Leal, e Antonio Rego.

Esse jornal que proclamava a politica inaugurada pelo ministerio conciliador do Marquez de Paraná, fez viva opposição á administração Cruz Machado. Teve existencia breve e tormentosa.

— Publicou-se por esse tempo a SAUDADE, jornal de litteratura amena, que trazia bonitas poesias e chistosas chronicas theatraes. Desappareceu no fim de alguns numeros.

1857

A' 10 de Março sahe o primeiro numero da MODERAÇÃO.

Em sua primeira epocha foi redigida pelo Dr. José Joaquim Ferreira Valle; depois por Prudencio José Botelho, e afinal, quando orgão do partido Estrella, teve como redactores o Dr. Caetano Souza, Antonio Bernardino Jorge Sobrinho e João da Matta de Moraes Rego.

Era folha muito partidaria, e que, em sua ultima phase nada tinha de «moderada». Cessou de apparecer em 1861.

— A 4 de Junho é publicada a IMPRENSA, sahindo tres vezes por semana.

Até Fevereiro de 1858 é redigida essa folha pelos Srs. Carlos Ribeiro e Ferreira Valle. D'essa data até Março de 1861, pelo Dr. A. Henriques

Leal. De Março á Outubro d'esse mesmo anno por Themistocles Aranha e o Dr. Carlos Ribeiro; d'ahi até Fevereiro de 1852, epocha em que foi substituida pela COALIÇÃO, por Joaquim Serra.

Era orgão do partido liberal.

— Principiou a sahir o CONSERVADOR fundado e redigido por Dionysio Alves de Carvalho. Findou sua publicação em 1863.

— Em Junho sahe o primeiro numero do JORNAL DO COMMERCIO, folha neutra, tendo como redactor, a principio, Prudencio J. Botelho, e depois Themistocles Aranha.

— A 2 de Julho reapparece o GLOBO, redigido pelo Dr. Antonio Marques Rodrigues.

Litterato distincto e homem de vistas largas em materia de instrucção publica, são admiraveis os trabalhos do Dr. Marques Rodrigues para a vulgarisação do ensino. Ha no GLOBO d'esse tempo uma serie de artigos sobre a nossa agricultura, dos quaes disse Sotero dos Reis, no PUBLICADOR MARANHENSE:

« São artigos que fazem honra aos melhores jornaes dos paizes mais cultos. »

Escriptor distincto, o Dr. Marques Rodrigues, em todo o periodo de sua redacção, fez com que o GLOBO obtivesse a melhor aceitação.

Desappareceu a folha em Dezembro de 1859.

1859

Sahe o primeiro numero do SECULO, redigido por José Silvestre dos Reis Gomes.

Folha conservadora, adstricta unicamente á politica local. Cessou de ser publicado em Abril de 1861.

— Sob a redacção dos engenheiros Fernando Luiz Ferreira e seus filhos Drs. Luiz Vieira Ferreira, e Miguel Vieira Ferreira, apparece a revista dedicada ás artes e industria, e denominada O ARTISTA.

Era publicação assaz interessante e de muita utilidade. Sustentou porfiada lucta em favor das classes operarias, e instituio largo e luminoso debate sobre variados assumptos de interesse provincial.

No fim de alguns mezes cessou de ser publicado.

1860

Apparece semanalmente a Marmotinha, de José Mathias Alves Serrão.

Feita sob o modelo da Marmota de Paula Brito, então impressa na côrte, trazia a Marmotinha uma variedade de artigos amenos, jocosos, chronica local e poesias. Nella escrevia, entre outros, Francisco G. Sabbas da Costa.

Infatigavel trabalhador, foi Sabbas da Costa assiduo collaborador de varios jornaes, dedicando-se especialmente á critica theatral. Escreveu alguns romances que publicou em folhetins e depois em livro.

Muito incorrecto na fórma, em Sabbas da Costa preponderava apenas a imaginação.

1861

Em Janeiro vem á luz o COMMERCIO, sahindo tres vezes por semana e redigido por Themistocles Aranha. Era periodico puramente commercial e inteiramente fóra da politica. Durou seis mezes.

— Apparece tambem em Janeiro o jornal ORDEM E PROGRESSO, orgão da liga entre liberaes e conservadores, durante a administração Silveira de Souza, e com o programma do partido que, em todo o imperio, era denominado progressista.

Periodico hebdomadario, era redigido pelos Drs. Gentil Braga, Antonio Belfort Roxo e Joaquim Serra. Em Fevereiro do anno seguinte foi substituido pela COALIÇÃO, com o mesmo programma, entrando para a redacção o Dr. Tavares Belfort e sahindo o Dr. A. Roxo.

— A 27 de Março reapparece o PROGRESSO sob a direcção do Dr. Antonio Henriques Leal. Sahia duas vezes por semana e desappareceu em 1861 para dar logar a COALIÇÃO.

Manteve sempre elevada a polemica politica, primando pela linguagem elegante e pura.

O Dr. Henriques Leal é jornalista consumado. Na imprensa do Maranhão o seu nome é um dos mais illustres. Embora retirado da arena, onde tantas honras conquistou, folgamos de contal-o no numero dos batalhadores que ainda podem prestar serviços relevantes.

A sua penna é arma de fina tempera; sua erudição primorosa. Dotado de uma linguagem correcta, e familiar com os classicos, o Dr. Henriques Leal sabe ser severo ou ameno conforme as necessidades do assumpto. Seus livros justificam este juizo. Em todos os jornaes que redigiu deu mostras de possuir talento prompto e cultivado. O PROGRESSO, no periodo de sua redacção, foi uma folha modelo.

1862

No dia 1 de Fevereiro sahe o primeiro numero da COALIÇÃO, jornal que representava o PROGRESSO, a IMPRENSA, e a ORDEM e PROGRESSO fundidos.

Defendia a colligação do grupo adiantado de conservadores com os liberaes, evolução praticada naquella epocha em todas as provincias. A testa da liga no Maranhão estavam os Drs. João Pedro Dias Vieira e Francisco José Furtado.

Sahia a COALIÇÃO duas vezes por semana. No primeiro anno foi essa folha redigida pelo Dr. Gentil Braga e Joaquim Serra; no anno seguinte entrou o Dr. José Joaquim Tavares Belfort para a redacção. Em 1865 retirou-se Joaquim Serra. Em 1866 ficou ella redigida apenas pelo Dr. Felippe Franco de Sá. Cessou a publicação em 1866.

Este jornal fez grande opposição ás presidencias Primo de Aguiar e Campos Mello. Sustentou as administrações dos Srs. Leitão da Cunha e Lafayette.

Era folha muito partidaria, mas tinha tambem uma secção litteraria e artistica.

— Sustentando a administração Primo de Aguiar apparecem os jornaes hebdomadarios PORTO LIVRE e CLARIM DA MONARCHIA. O primeiro redigido por Francisco de Salles Nunes Cascaes, o segundo pelo major Ferreira Jacarandá, ambos muito verrinarios e descomedidos. Desappareceram em 1863.

— No dia 1 de Janeiro desse anno foi publicado o primeiro numero do FORUM, periodico dedicado aos negocios judiciarios, e redigido com muita habilidade. Paralysou em Junho desse mesmo anno sua publicação.

1863

Sahe o primeiro numero do PAIZ, jornal noticioso, dedicado aos interesses do commercio. Seu redactor e proprietario é Themistocles Aranha.

O PAIZ começou sahindo tres vezes por semana, em 1878 passou a ser diario, e cada dia, com melhoramentos varios, consolidou-se. E' hoje uma das mais interessantes folhas do norte do imperio.

Tem publicado importantes artigos sobre questões de lavoura, industria, artes, finanças e melhoramentos provinciaes. Traz sempre noticiario abundante e variado; excellentes transcripções, revistas do estrangeiro e correspondencia telegraphica.

Exerce decidida influencia na opinião publica maranhense, e goza na praça de S. Luiz do melhor conceito.

Themistocles Aranha é um jornalista habil, de phrase calma, substanciosa e cortez; pugna constantemente pelo bem da provincia, jámais entra em personalidades, e está sempre prompto a animar os talentos novos.

— A' 18 de Junho apparece a SITUAÇÃO, orgão do partido conservador, sob a redacção dos Drs. Luiz Antonio Vieira da Silva, Heraclito Graça e João da Matta de Moraes Rego; nos ultimos tempos foi redigida pelo Dr. Fernando Vieira de Souza.

Era um periodico que defendia seu partido com paixão, porém com dignidade e com elevação de linguagem. Variado nos assumptos, apreciando não só a politica da provincia como a do paiz, foi esforçado contendor durante o ostracismo dos conservadores. Deixou de existir em 1867.

Pelo atticismo e crystalino da phrase, eram os artigos do Dr. H. Graça os que mais se distinguiam na polemica politica.

O Dr. Vieira da Silva, além dos seus artigos de imprensa, deu-nos uma boa HISTORIA DA INDEPENDENCIA DO MARANHÃO.

— Apparece o CONSTITUCIONAL, substituindo o CONSERVADOR e escripto por R. Alves de Carvalho.

Continúa a sustentar a politica conservadora, analysando a marcha administrativa da provincia.

1865

Sahe a TRIBUNA, folha progressista, apoiando a presidencia Souza Carvalho. Redige-a o Dr. Francisco de Paula Belfort Duarte.

Havendo-se dado o rompimento entre historicos e progressistas (grupos do partido liberal) ficou sendo orgão dos primeiros a COALIÇÃO, que censurava a administração da provincia.

A TRIBUNA era publicação hebdomadaria e só viveu durante o periodo eleitoral.

Varios eram os collaboradores da TRIBUNA, e nella appareceram alguns artigos de merecimento, entre outros um juizo critico, em tom faceto, attribuido ao Dr. Gomes de Castro, e que, apezar das injustiças da apreciação, recommenda-se como trabalho litterario.

1867

Fundado por Joaquim Serra, apparece o SEMANARIO MARANHENSE, revista litteraria.

N'ella collaboraram Gentil Braga com excellentes chronicas, Celso de Magalhães com formosas poesias, Sotero dos Reis (já retirado da imprensa jornalistica) com o notavel estudo critico da litteratura biblica, Henriques Leal e Cezar Marques com succulentos artigos historicos, Sabbas da Costa com um romance nacional, e Souza Andrade com fragmentos do seu curioso poema « Gueuza Errante ».

No anno seguinte o SEMANARIO deixou de existir.

— Publica-se o APRECIAVEL, folha que se alimentava de questões pessoaes, redigida pelo major J. Ferreira de Souza Jacarandá. Sahia com interrupções e desappareceu em 1879.

1868

Sahe o LIBERAL, periodico hebdomadario e orgão do partido liberal.

Mantinha o mesmo programma da COALIÇÃO.

Bate-se durante o dominio da politica conservadora, tendo como redactores, á principio só o Dr. Antonio Jansen de Mattos Pereira, e depois mais os Drs. F. Franco de Sá, Gentil Braga e Belfort Duarte.

Fez opposição á varias presidencias, distinguindo-se sobretudo na renhida luta durante a administração do senador Frederico de Albuquerque.

Era uma folha bem escripta, energica e discutidora.

Sahio regularmente duas vezes por semana e durou até o anno de 1873.

1869

Começou a ser publicado o periodico de litteratura amena, intitulado JUVENILIA.

Seu fundador e principal redactor foi o Sr. José Eduardo Teixeira de Souza, talentoso escriptor, que mais tarde se fez notavel, na imprensa fluminense, por trabalhos litterarios e scientificos.

Poeta distincto e philosopho positivista, o Dr. Teixeira de Souza nessa folha litteraria, como em outras onde collaborou, deu justa medida de sua culta e variada illustração.

Tinha a JUNEVILIA varios collaboradores distinctos. Findou sua carreira nesse mesmo anno.

1870

Reapparece o DIARIO DO MARANHÃO, que em 1873 torna-se publicação diaria.

Folha de agradavel leitura, ainda hoje existe tendo tido melhoramentos progressivos.

No DIARIO DO MARANHÃO escreveu por algum tempo o Dr. Cesar A. Marques, espirito illustrado, pesquizador das cousas patrias, e escriptor fecundo.

A elle devemos um grande DICCIONARIO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO MARANHÃO, e muitas outras obras historicas e scientificas.

Traduziu tambem os livros de Yves d'Evreux e de Claudio de Abeville, com o que fez um grande serviço ás lettras.

— E' impresso o primeiro numero do DEMOCRATA, folha de idéas republicanas e redigida pelo Dr. A. de Almeida Oliveira. Deixou de apparecer em 1879.

1877

Apparece o JORNAL PARA TODOS na typographia do PAIZ.

Publicação variada e interessante, sahiu por espaço de dous annos.

Não era uma folha destinada a disseminação de conhecimentos uteis, mas satisfazia o seu intuito dando leitura amena e por vezes instructiva á todas as classes sociaes.

— Sahe a luz o TELEGRAPHO, a principio redigido pelo Dr. Abilio F. Franco e sem caracter politico decisivo; depois orgão conservador sob a redacção de Ricardo A. de Carvalho.

Continúa a ser publicado.

1879

Orgão do partido conservador, apparece o TEMPO, que ainda se publica.

São seus redactores os Drs. Augusto Olympio de Castro, Ribeiro da Cunha e João da Matta de Moraes Rego. Fez tambem parte da redacção o Dr. Celso de Magalhães, que falleceu mezes depois de sua entrada para a folha.

Deu causa ao apparecimento do TEMPO a ascenção do partido liberal ao poder em 1878, quando a politica conservadora tinha maioria parlamentar. Entretanto o facto nada teve de sorprendente em face da ascenção do partido conservador ao poder, dez annos antes, quando os liberaes contavam quasi unanimidade na camara temporaria.

Talvez que perante a nossa constituição o caso pareça determinante da creação de muitos jornaes

para censural-o.... Na Inglaterra seria elle incomprehensivel, e o TIMES, que não é um TEMPO politico, como o do Maranhão, já disse isso mesmo com toda a imparcialidade de folha neutra.

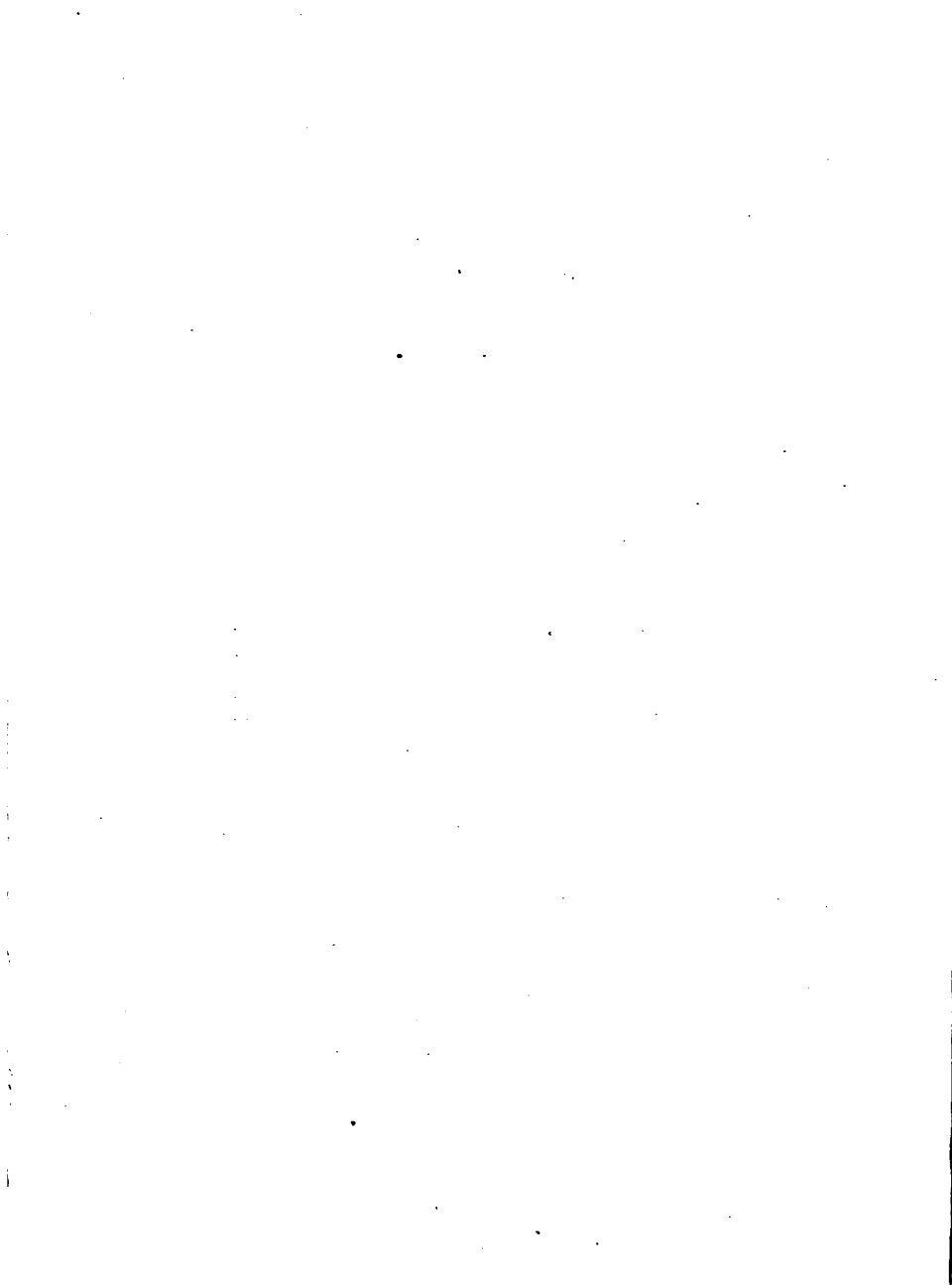
Certamente que, apezar da popularidade de que goza a rainha Victoria, e por maior que seja o respeito que ella inspire, o que pensariam seus subditos se ella fizesse o seguinte raciocinio: — Os whigs estão em maioria no parlamento, mas eu creio que o paiz é favoravèl aos tories; vou por conseguinte despedir o ministerio e dissolver a camara para ver se o paiz não é do meu parecer...?

« Não ha inglez, diz um publicista moderno, que cogite em catastrophe dessa natureza, pois ella parece pertencer a um mundo differente do mundo em que elle habita. O poder pertence em theoria á rainha, mas, se ella o quizesse exercer de facto, a Inglaterra ficaria tão aterrada como se soubesse que produzira-se uma erupção em Primorose-Hill. »

Sem duvida que taes doutrinas têm curso forçado na patria do TIMES, mas esses mesmos illustres redactores do TEMPO, que, no Maranhão, saudaram como regeneradora do systema representativo a evolução politica de 16 de Julho de 1868, pouco tinham de que se admirar na hora em que uma nova evolução determinou a subida dos liberaes... e a sahida daquelle jornal.

Cumpre, porém, confessar que o TEMPO é escripto com eloquencia, e elegancia, embora com paixão.

CAPITULO SEGUNDO

I — Partidos politicos na provincia. II — Imprensa partidaria. III — Portuguezes e brazileiros. IV — Liberdade de imprensa. V — Excessos. VI — Imprensa litteraria. VII — Phantasias. VIII — Imprensa religiosa. IX — Idéas republicanas. X — Periodicos do interior.

I

Para que seja completa a resenha historica do jornalismo no Maranhão, convem conhecer as transformações que soffreram os partidos politicos brazileiros, sobretudo naquella parte do imperio.

Com a proclamação da constituição portugueza, em 1820, formou-se o partido dos CONSPICUOS em opposição ao governo.

Esse partido era acrimoniosamente atacado no Maranhão em o periodico governista o CONCILIADOR, que publicava correspondencias pessoaes, cheias de allusões aos vultos mais salientes da opposição.

Proclamada em 1822 a nossa independencia, a imprensa quasi que emmudeceu na provincia até 1825. Entre essas duas datas, foi aquelle periodo muito agitado, a principio com tumultos de tropa indisciplinada, depois, na administração Bruce, com

a revolta que trouxe a classe abastada dos agricultores do interior em opposição armada, até que, assediando a capital, deu-lhes razão lord Cochrane, apeando o presidente do poder.

Não havia então liberdade de pensamento nem segurança individual.

Apaziguados os animos e tranquillisada a provincia, appareceram varios jornaes importantes e que discutiam todas as questões. Eram então os partidos denominados de—«Corcunda e Brazileiro».

Aquelle tinha saudades do antigo regimen e da metropole; este era composto da mocidade, de homens que lidaram pela emancipação do paiz.

Depois de 1831, transformaram-se os partidos, encostando-se os «Corcundas» aos moderados, e os «Brazileiros» aos exaltados. Todos elles tinham orgãos na imprensa maranhense.

João Lisboa, que havia estréado entre os «brazileiros», ficou com os «exaltados»; Odorico Mendes, que foi sempre patriota, ficou entretanto com os «moderados».

Em 1835 denominaram-se estes de «cabanos» e aquelles de «marrecos», até que, em 1839, foram appellidados de «bemtevis».

Terminada a revolta de 1839 — 1840, o partido bemtevi fraccionou-se em dous grupos: «liberal e estrella». Este proclamou uma politica sui generis e que alcunhou de — politica provincial, — sem o menor laço de união com os partidos do imperio.

Por isso, desde 1841 até 1847 apoiou a ESTRELLA todas as administrações, liberaes ou não, que lhe asseguravam o predominio na provincia.

Em 1848 formou-se uma «liga», para a qual entraram antigos elementos conservadores e elementos liberaes, em opposição ao partido da ESTRELLA, que a seu turno teve algumas adhesões.

Assim viveram os partidos provinciaes até 1862, epocha em que, melhor disciplinados, os differentes grupos reuniram elementos homogeneos e combateram sob a generica denominação de «liberaes e conservadores».

O que, em virtude dessas transformações, por muito tempo apresentou a imprensa do Maranhão, como a da côrte, foi uma grande desorientação nas idéas, usando os conservadores, quando em opposição, de linguagem ultra demagogica; e os liberaes, quando no poder, apregoando doutrinas estreitas e mais que autoritarias.

Macaulay dá-nos noticia do mesmo phenomeno na Inglaterra, durante os primeiros tempos do governo da casa de Hanover.

Os torys fizeram-se liberaes e os whigs conservadores.

O whig, para mostrar que apreciava a liberdade religiosa, apoiava a dynastia protestante; e o tory, para mostrar o profundo horror que sentia pelas revoluções, detestava a dynastia sahida de uma revolução.

« Ambos os partidos — accrescenta o illustre historiador — ficavam em situação contraria a natureza de cada um, como animaes que, transferidos para clima antipathico ás suas constituições, enlanguecem e degeneram. O tory, longe do sol da côrte, era como o camello no meio das neves da Laponia; o whig, aquecendo-se aos raios do favor real, era uma renna no meio dos areiaes da Arabia. Cada um delles tomou gradualmente a côr e a fórma do seu inimigo, de modo que o tory arvorou-se em defensor zeloso da liberdade, e o whig agachou-se e beijou os pés do poder. »

Da má disciplina dos partidos é que deriva o baralhamento de idéas apregoadas pelos differentes orgãos desses mesmos partidos.

Se é certo que com principios não se póde transigir, o partido que é bem educado tem uma escola da qual a sua imprensa não póde jámais apartar-se.

II

A existencia da imprensa politica é uma necessidade urgente em todos os centros de grande actividade.

Em regra geral essa imprensa, que se intitula neutra ou imparcial, não cumpre com a fidelidade que fôra para desejar o seu programma de inteira isempção de animo nas luctas que dividem a sociedade. Como que ella se resente d'essa obrigação que tinha o cidadão de Sparta de, por força, manifestar-se em favor de alguma das opiniões que dividiam a republica.

A falta de imprensa politica como que obriga aquella, que se diz incolor, a imiscuir-se nas contendas partidarias e a julgar d'ellas de um modo arbitrario, como quem desconhece as paixões e enthusiasmos que se acham em jogo.

Ainda mesmo não filiadas aos partidos que litigam, essa imprensa neutra ou imparcial, em materia de ensino, de religião, de escolas economicas, tem sempre o seu ponto de vista especial, já advogando a não obrigatoriedade do ensino, o proteccionismo industrial, ou o privilegio de certos cultos. D'ahi uma falsa doutrinação dos leitores; falsa, pelo menos perante a consciencia daquelles que desejariam ver semeadas idéas contrarias.

A imprensa politica tem em nosso paiz prestado grandes e importantes beneficios. A ella se deve tudo quanto de bom e salutar ha sido promulgado pelos poderes publicos, porque só ella tem agitado as grandes questões sociaes, que hoje se acham solvidas, ou em via de solução.

O despotismo sempre fugiu della porque deve-lhe certas derrotas; entre nós a tyrannia encontrou o seu mais valente inimigo no jornalismo partidario, arma formidavel e invencivel.

Da imprensa politica entre nós se póde dizer o mesmo que das reuniões populares na Inglaterra, disse Gladstone:

« A historia do Reino Unido, nestes ultimos cincoenta annos, mostra como a agitação politica favorece o triumpho das grandes causas, sem nunca cahir na vertigem revolucionaria. »

De facto: nos dias angustiosos que precederam a declaração da independencia, de que importancia não foi, por exemplo, o jornal de Gonçalves Ledo

e do frade Sampaio? E, ao lado do REVERBERO, quanto não cooperou, em bem da mesma idéa, o REGULADOR, orgão dos Andradas?

De que valia não foram, depois da fundação do imperio, os serviços da AURORA, da SENTINELLA DO SERRO, do ARGOS, da ASTRÉA, do INDEPENDENTE, do TAMOYO, do OBSERVADOR CONSTITUCIONAL e de outros esforçados athletas?

E' uma accusação sem procedencia essa que fazem á imprensa politica pelos excessos e, por vezes, intemperança da linguagem usada nas discussões. Sem por fórma alguma querer negar que ha ainda muito á fazer na educação politica dos partidos entre nós, é innegavel que a imprensa partidaria tem os erros, exagerações e intolerancias do grupo que representa.

Espelho fiel da sociedade e dos interesses que nella se agitam, não é licito exigir da imprensa politica aquillo que ainda falta aos partidos militantes, isto é: escola quanto á doutrinas, e respeito pela opinião que não é a nossa.

Fóra d'ahi, porém, cabe de direito á imprensa politica a maior parte da gloria pelas conquistas da civilisação com que temos assignalado nossa vida publica.

III

Como em todo o imperio, no primeiro periodo da vida jornalistica, só discutiam-se os negocios publicos sob o ponto de vista de patriotas ou re-colonisadores.

A animadversão contra os portuguezes era enorme no Maranhão e disso dá testemunha a imprensa de então.

Se, na capital do imperio, foi a casa do redactor da AURORA ameaçada e o partido brazileiro desacatado e aggredido em vias de facto; se, em 1822, vimos, na capital da Bahia, ser invadida a typographia do CONSTITUCIONAL, empastellados os typos e distruida a officina; se posteriormente, em S. Paulo, teve logar o attentado contra Badaró, pelo crime de redigir o REGULADOR CONSTITUCIONAL: o que não aconteceria em uma provincia remota, onde

os portuguezes sentiam-se fortes, e era temeridade lutar com elles sem o apoio das justiças da terra?

A energia de José Candido de Moraes e Silva, ou a de João Francisco Lisboa, só póde ser comparada a dos heroicos escriptores do REVERBERO.

Gonçalves Ledo, o conego Januario e frei Sampaio, quando pediam ao principe regente que annunciasse a seu pai a separação do Brazil, talvez as suas pessoas corressem menos risco do que corriam as dos redactores do PHAROL e do BRAZILEIRO repellindo as affrontas do partido caramurú, e excitando os brios nacionaes á represalias e resistencias.

A imprensa que sustentava no Maranhão os interesses luzitanos era audaz e provocadora, sentia-se bafejada pela protecção official, desmentida umas vezes com tartufismo, e quasi sempre affirmada escancaradamente.

Odorico Mendes, que tambem muito se distinguiu nessa campanha de patriotas, quando redactor do ARGOS DA LEI; depois da abdicação do primeiro imperador, logo que ressurgiram essas mesmas questões odiosas, tomou uma attitude moderada e calma, que lhe valeu a desconfiança e remoques dos exaltados.

José Candido serve perfeitamente para resumir essa luta cheia de esforço contra a oppressão estrangeira; o sacrificio da vida pela patria, essa paixão generosa que levanta os espiritos e que faz

com que se transmitta o nome á posteridade, pela dedicação á terra natal e entranhavel odio á tyrania.

Felizmente, passados esses periodos anormaes da constituição de um estado independente e que luta em rivalidades com a metropole, a imprensa do Maranhão jámais occupou-se de fomentar odios e intrigas contra os portuguezes, acolhendo-os no seio da patria com amor e fraternidade.

IV

Fóra dessas perseguições motivadas por melindres de nacionalidades, á parte essa effervescencia de uma phase anterior a organisação definitiva do paiz, ninguem affirmará que a imprensa entre nós haja occupado grande lugar no martyrologio politico pelos rigores de uma legislação draconiana, ou por ferrenha intolerancia official.

Admira até que em um paiz como o nosso, onde a liberdade religiosa é opprimida pelos privilegios da religião do estado; a liberdade eleitoral sophismada pela compressão das urnas; a liberdade commercial coarctada pelo absurdo regimen de subvenções e subsidios á companhias que monopolisam serviços; e finalmente a liberdade individual constantemente desacatada pelo arbitrio e impunidade policial, tenha tido a imprensa um regimen

6

de tão amplas regalias, que, sobretudo de 1840 para cá, se possa dizer que é o jornalista quem faz a lei para o seu jornal.

Salvas as excepções conhecidas, e que não são filhas de nenhuma lei de imprensa, a tyrania exercida contra essa liberdade que temos de escrever e divulgar o pensamento não nos autorisa a dizer o que já foi dito do jornalismo francez: — que a historia da imprensa alli é a historia das repressões governamentaes.

Pelas pêas impostas a imprensa em França, durante o dominio do terceiro Napoleão, disse Erskine May, que a França nos tempos modernos tem tido a democracia sem a liberdade, emquanto que a Inglaterra, nesse mesmo periodo, tem tido a liberdade sem a democracia.

Não ha negar que a imprensa brazileira está livre de qualquer embaraço que a amordace, e que já deviamos ter, com o uso e abuso dessa liberdade, conquistado todas as outras que nos faltam.

Antes da independencia do imperio, a imprensa jornalistica pouco mais era do que o vehiculo da opinião official. Os jornaes desse tempo, no Maranhão, além dos actos do governo, occupavam-se com pequenas noticias de interesse geral, e transcripção de artigos innocentes, tudo fiscalisado pela junta que administrava a typographia, unica na provincia.

Depois da independencia, e em todo o periodo anterior a constituição, a liberdade jornalistica era ampla, e as restricções que a autoridade pretendia impôr, motivavam serios clamores.

Nas provincias remotas, porém, essa liberdade estava muito vigiada pelos agentes do poder.

Serve de exemplo a attribulada existencia do PHAROL MARANHENSE, e as perseguições movidas contra a pessoa de José Candido de Moraes e Silva.

Os mandões locaes desconheciam essa grande paixão chamada — patriotismo — e só tratavam de dar força e arbitrio á autoridade superior. Servidores do estado, que nem de nome conheciam a patria, só reconheciam os chefes que os moviam automaticamente. Tanto mais infima era a autoridade, tanto mais despotica ella era. Em vez da lei que devia ordenar, apparecia a vontade dos pequenos tyranos, desses de quem diz Leneveux « la soif du pouvoir à crée ches nous le caporalisme. »

O caporalismo imperava altivo e insolente em muitas provincias do imperio nos annos que vão de 1822 á 1830, sobretudo na interferencia que exercia em assumptos de imprensa.

Posterior á essas epochas, as perseguições movidas contra os jornaes que combatiam as administrações provinciaes manifestavam-se por outra fórma.

O recrutamento de typographos, a deportação de artistas estrangeiros, o suborno de typographias, foram meios de que lançaram mão certos presidentes guerreados pela imprensa da provincia, em quadra que não é conveniente apontar aqui.

Todas essas manobras eram disfarçadas; os factos explicados de modo que não parecessem filiados á questão de imprensa, e não se ia de frente, ostensivamente, como nos dias do PHAROL, fazer alarde de compressão, dando de publico a causa de que ella provinha.

A hypocrisia e machiavelismo substituiram por algum tempo a prepotencia sem dissimulação.

E' justo, porém, confessar que todas essas anormalidades cessaram ha alguns annos, e que a tolerancia é completa, sendo os jornaes inteiramente senhores de suas opiniões, e arbitros no modo de manifestal-as.

Em todo caso, as violencias havidas emanavam da autoridade compressora, pois não ha na legislação brazileira uma só medida odiosa e oppressiva com relação ao direito de escrever e de fazer circular o pensamento.

Se, durante o primeiro reinado, a imprensa experimentou dias aziagos, porque D. Pedro I tinha impetos de rei absoluto, quando se via discutido nas folhas publicas; no segundo reinado o contraste é profundo.

Tem D. Pedro II por vezes obstado medidas de rigor, arbitrariamente planejadas por seus ministros contra a liberdade de escrever. Elle tem respeitado o jornal, a obra colossal do seculo em que vivemos.

O primeiro imperador era logico: a tyrania tem razão de temer a imprensa, é ella o seu maior inimigo, que, veloz e dedicado, leva de um extremo á outro a inspiração, a colera e o enthusiasmo de um povo.

Os principes de Bragança foram sempre, alternadamente, os amigos e os perseguidores da imprensa. *

* Refere Teixeira de Vasconcellos, que os jornaes entraram em Portugal com os Braganças (no reinado de D. João IV) e que este monarcha, depois de haver sido apologista da novidade, pouco depois supprimiu todas as gazetas, declarando no decreto que o motivo da suspensão era « pela pouca verdade de muitas das gazetas, e máo estylo de todas. »

V

Como eloquente demonstração da liberdade de imprensa entre nós, citaremos o acervo de jornaes atrabiliarios e agressivos, que se publicaram no Maranhão para amesquinhar as cousas publicas e profanas, o decoro e recato das familias.

Entre os annos de 1841 á 1847 foi que surgiram essas folhas de pequeno formato, destinadas ao ataque do lar domestico, procurando com chocarrices e diatribes expor ao desprezo nomes respeitaveis e respeitados.

Comprehende-se perfeitamente o grande poder de uma imprensa humoristica, embora violenta, mas que saiba manter-se com decencia e dignidade.

A Nemesis foi uma força durante os dias da restauração em França, e o gabinete Villele pereceu ás alfinetadas do ridiculo.

E' um trabalho de sapa, que tem verdadeira importancia, esse da imprensa que peleja á brincar, que dispara tiros certeiros em cada risada que motiva, em cada caricatura que apresenta.

O ardor da vingança armou Archiloquo do iambo, do qual foi elle o inventor, e ninguem deixa de admirar aquelle flagicio vibrado pela indignação.

Porém, não é disso que se trata agora, mas da degradação de uma imprensa baixa, mantida por parcialidades odientas, abocanhadora da honra das familias, e cheia de torpes aleivosias.

João Lisboa deixou alguns « specimens » da linguagem d'esses jornaletes, nas immortaes paginas do JORNAL DE TIMON.

N'esse periodo de jornalismo infamante é que vieram á lume o GUAJAJARA, o JAPYASSU, o PICAPÁO, o MALAGUETA, o CARURU', a MATRACA, o ARRE! IRRA! e outros, sobresahindo o BEMTEVI, onde não se póde escurecer que, de par com as nojentas aggressões á vida privada, appareciam por vezes pequenas satyras, em verso, de algum valor astistico e sabor aristophanico.

Mas a verdade é que essas facecias e epigrammas eram simples recursos para chamar leitores e dar a immensa vulgarisação que tiveram taes papeluchos: o que constituia a base de taes publicações eram os artigos virulentos contra as autoridades, era o desprestigio do lar domestico de muitos chefes politicos, contribuindo taes artigos para exacerbar

as paixões populares, que estavam em fermentação.

A imprensa maranhense envergonha-se de ter sahido de seus prelos esse enxame de pasquins, e tal vergonha seria mais profunda, se não vissemos nos dias de hoje, e na côrte do imperio, sem desavenças politicas exageradas, e por simples especulação, formigarem periodicos que, em cousa alguma, ficam restando a esses que aviltaram, no Maranhão, o periodo jornalistico que vai de 1841 á 1847.

VI

Sendo certo que a litteratura tem sido cultivada com amor e aproveitamento pelos filhos do Maranhão, é notavel que, na imprensa jornalistica, onde aliás disputam primazia grande numero de periodicos bem escriptos, não haja uma revista inteiramente consagrada ás lettras, que assignale de modo cabal e satisfactorio a particular tendencia dos escriptores maranhenses.

O JORNAL DE TIMON não póde ser considerado uma publicação de caracter exclusivamente litterario nos seus primeiros numeros, quando apparecia em fasciculos em fórma de revista periodica. N'essa primeira serie, o JORNAL DE TIMON é tanto uma folha litteraria como politica. Na segunda serie, quando acentuou-se inteiramente a physionomia litteraria da obra, deixa ella de ser uma revista para apparecer

como livros destacados e fóra inteiramente do quadro jornalistico, que examinamos.

O JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO, bem como a REVISTA DA SOCIEDADE PHILOMATICA e tambem o ARCHIVO MARANHENSE foram publicações de pouca vida e que não affirmaram de modo categorico o movimento litterario da provincia.

O SEMANARIO MARANHENSE não passou de tentativa malograda, e alguns pequenos jornaes de litteratura fugitiva, fundados por estudantes do Lyceu, de escassa circulação e existencia fugaz, por fórma alguma representam a grande vitalidade intellectual e a superioridade de estudos litterarios dos jornalistas maranhenses.

Esparsos pelos periodicos politicos, neutros, e commerciaes é que se encontram os melhores trabalhos, os mais recommendaveis titulos dos litteratos que militaram na imprensa jornalistica.

O Maranhão bem que poderia ter possuido revistas de tão alta importancia como essa de que gozaram no paiz a MINERVA BRAZILIENSE ou a GUANABARA, publicadas na capital do imperio.

Sobravam-lhe elementos para isso.

VII

Trajano Galvão, escrevendo para o DIARIO DO MARANHÃO varias cartas em versos satyricos, no gosto de Tolentino, iniciou um genero que teve muitos e bons cultores. As cartas de Trajano, referindo-se a acontecimentos do dia, glozando-os com chiste, e traçando retratos de varias figuras muito populares, produziram certa sensação no espirito publico, e seus folhetins epistolares, rimados com engenhosa originalidade, adquiriram immensa voga.

Depois de Trajano Galvão, cultivou o genero com habilidade Tullio Belleza, que em alguns periodicos da provincia, na COALIÇÃO entre outros, tratou com bastante graça, em estylo ligeiro e bons versos, de alguns acontecimentos semi-serios.

As chronicas que, no PAIZ, publicou depois Euclydes Faria, merecem menção especial, porque reve-

laram talento de observação, dizer conceituoso, humoristico e perfeitamente apropriado as revistas que elle fazia.

Não é licito esquecer, tratando do genero satyrico, em chronicas jornalisticas, a multipla aptidão de Arthur Azevedo que, em prosa e em verso, escreveu scintillantes paginas em periodicos maranhenses. As missivas que dirigia, da capital do imperio, ao PAIZ, sob o pseudonymo « Eloy-o-heroe », são graciosos folhetins.

Antes d'elle fazia essas missivas outro distincto escriptor, de phrase elegante e succulenta erudicção no desenvolvimento de seus assumptos, o Dr. Raymundo Augusto de Carvalho Filgueiras, que herdou de seu tio, Estevão Raphael de Carvalho, o espirito critico, sagaz e flammejante. A morte arrebatou-nos, ha poucos annos, o Dr. Raymundo Filgueiras.

VIII

Comquanto a imprensa democratica do Maranhão, em artigos doutrinarios, desde os primeiros tempos, sustentasse as boas doutrinas sobre liberdade de cultos e de consciencia, comtudo nunca estabeleceu-se no jornalismo da provincia essa prolongada controversia, que, em outros pontos do imperio, tem alimentado aquillo que, com ou sem fundamento, é hoje denominado de — questão religiosa.

Seja porque a diocese maranhense tenha sido regida por prelados tolerantes e inimigos de discussões publicas; seja porque o maçonismo não exerça grande preponderancia na sociedade maranhense, o certo é que atravessamos o periodo da lucta maçonico-episcopal sem que o Maranhão sahisse da habitual tranquillidade.

Além disso, a falta de elementos provocadores de contenda, taes como lazaristas e irmãs de caridade, determinou da parte da imprensa leiga uma certa sobriedade nas discussões relativas ao regalismo constitucional.

Advogando varios jornaes a necessidade do casamento civil, secularisação de cemiterios, e outras medidas urgentes, até mesmo a separação entre a Igreja e o Estado, nunca os debates tomaram as proporções extraordinarias e fóra de toda cordura, de que dava exemplo uma provincia vizinha.

Não tinha o clericalismo orgão na imprensa como tem agora, e do qual não nos occuparemos por coincidir seu apparecimento com o limite do periodo de que pretendemos dar uma ligeira resenha.

De passagem, porém, diremos, que a CIVILISAÇÃO é uma folha, embora bem escripta, cheia de azedume e d'aquelle fel de que Boileau admirava-se de ver na alma dos devotos. Pelo padrão da BOA NOVA, não tem a menor semelhança com o ECCLESIASTICO, ou com o CHRISTIANISMO, folhas religiosas que vieram a lume no Maranhão, a primeira no anno de 1852 e a segunda em 1854.

Era o ECCLESIASTICO um jornal grave, de linguagem persuasiva, cheio de mansidão e de brandura na exposição das doutrinas catholicas, e nos conselhos que dava aos fieis.

Redigido com habilidade, foi tambem o CHRISTIANISMO um orgão religioso que discutia as questões da igreja catholica com uncção e mansuetude.

Ambos viveram em paz e sem o estrepito da polemica.

IX

O DEMOCRATA póde-se dizer que foi a primeira folha que no Maranhão francamente sustentou principios republicanos, espalhando idéas de uma democracia pura.

Todavia o DEMOCRATA não foi propagandista decidido e tanto que, sem grandes reparos da opinião, nos ultimos tempos tornou-se orgão das idéas liberaes governistas na provincia.

Durante os dias do primeiro reinado uma ou outra das folhas patriotas fez a apologia do regimen republicano, mas em momento de desespero pelas audacias do partido caramurú e sem proposito de doutrinar.

Durante a revolta da «Balaiada» movimento sem caracter politico, máo grado as asseverações de alguns escriptores apaixonados, a imprensa demo-

cratica poz-se ao lado da autoridade, e João Lisboa, principal coripheu da democracia na imprensa, profligou o movimento.

Por occasião da revolta «praiera», em Pernambuco, tambem a imprensa liberal maranhense, comquanto sustentasse a defesa dos opprimidos, jámais manifestou aspirações de uma mudança radical no systema.

Pode-se, pois, dizer que pequeno tem sido o caminho das idéas republicanas na imprensa do Maranhão.

X

E' Caxias a mais importante cidade do Maranhão, depois da capital.

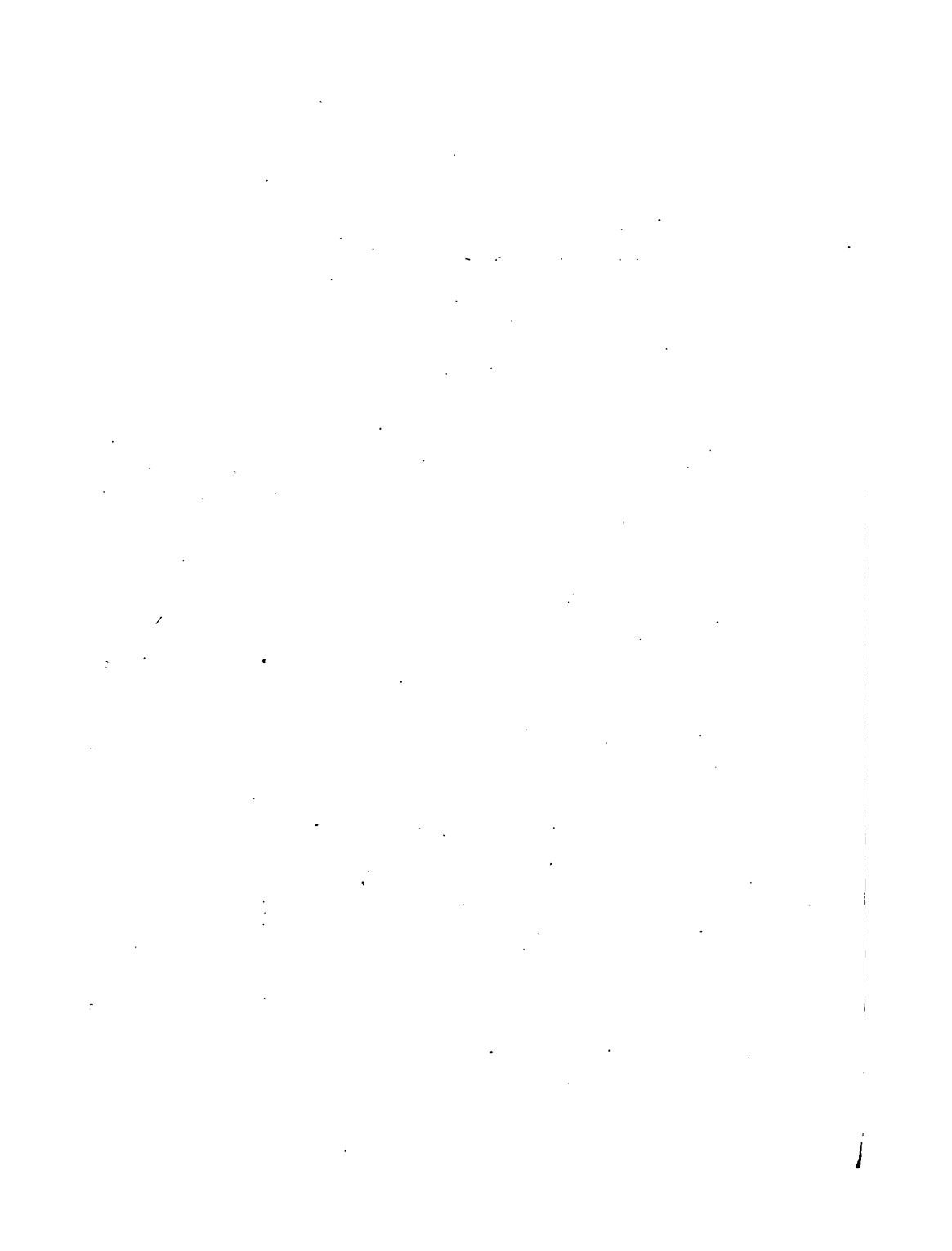
Emporio commercial, á margem de um rio onde navega o vapor, tem ella vida laboriosa e activa. Alli residem muitos homens illustrados e é foco de grande movimento politico; dir-se-hia ser Caxias a capital do sertão.

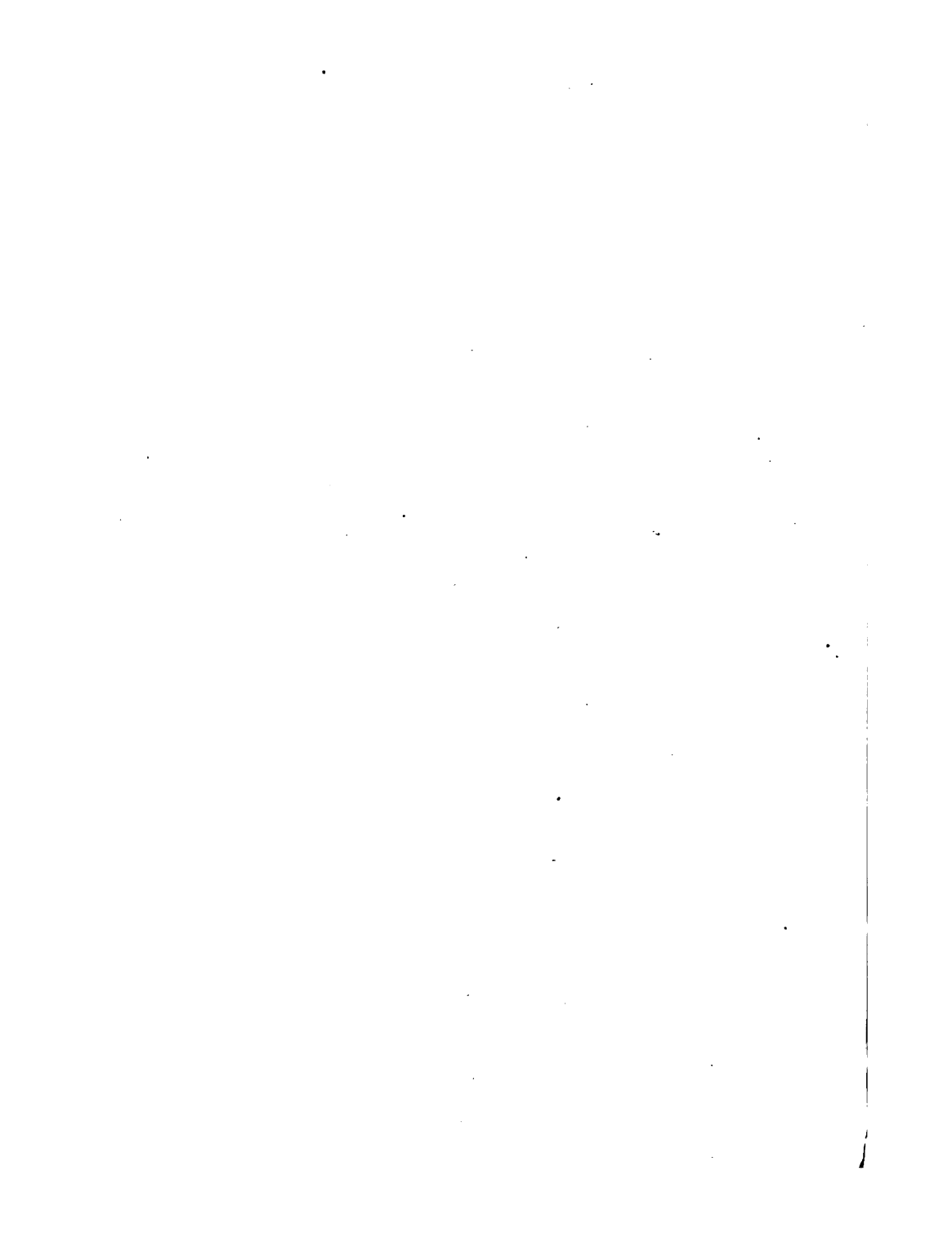
Emquanto o jornalismo de S. Luiz se tornava notavel, n'aquelle ponto da provincia tambem discutia-se valentemente pela imprensa.

Para que se faça idéa da actividade jornalistica n'aquella cidade do interior, citamos alguns periodicos publicados em differentes epochas:

Em 1845 sahe á luz o Brado de Caxias; em 1846 o Jornal de Caxias; em 1849 o Bemtevi Caxiense e o Telegrapho; em 1852 o Echo Caxiense; em 1854 o

PHAROL DE CAXIAS, e o CORREIO CAXIENSE ; em 1872 o JORNAL DE CAXIAS; e em 1876 a LUZ, e a SITUAÇÃO.

Estes jornaes, uns politicos, outros commerciaes, noticiosos ou litterarios, continham artigos interessantes, e tiveram, alguns delles, existencia longa e ampla circulação.

CAPITULO TERCEIRO

I—Jornalistas entre nós. II—Estudo da lingua. III—Perfis. IV—Razão de ordem.

I

Sem duvida que é para encher de orgulho a um paiz novo como o nosso o facto de contar, entre os seus jornalistas, homens da força de Evaristo da Veiga, Salles Torres Homem, Justiniano Rocha e Firmino Silva, sem fallar de notabilidades que ainda vivem e que podem emparelhar com os mais illustres.

Evaristo, o patriota ardente e publicista esforçado, elle que, no dizer de um nosso distincto escriptor, era a encarnação de notavel epocha; cujo nome symbolisa a parte mais brilhante da democracia do Brazil, o redactor da AURORA FLUMINENSE fazia com os seus escriptos vibrar a alma da patria e constituiu-se uma força decisiva nos dias do primeiro reinado.

A AURORA não foi somente um grande instrumento de combate, foi um monumento de sabedoria, e de elegancia litteraria.

D'esse periodico muito bem disse Innocencio da Silva, « era uma folha de polemica liberal, de idéas moderadas e que ainda hoje podia ser tomada como modello pela subtileza da dialectica, agudeza dos pensamentos e originalidade das concepções ».

E como, tratando-se de imprensa e tocando-se no nome de Evaristo, sejam sempre poucos os elogios que se lhe prodigalisem, escrevamos tambem o juizo de Armitage sobre aquelle importante periodico que se chamou a AURORA FLUMINENSE. Falle o escriptor inglez:

« No mez de Dezembro de 1827 appareceu esse jornal, redigido por um joven brazileiro de nome Evaristo Ferreira da Veiga, um dos escriptores politicos mais talentosos não só do Brazil como da lingua portugueza. Desgostado tanto do periphraseado servil dos periodicos ministeriaes, como do tom licencioso e anarchico adoptado pelos liberaes, Evaristo começou a publicação da sua AURORA sem se ligar á partido algum. Em systema o seu jornal era tão opposto á politica seguida pelo governo imperial como poderia ser o mais exaltado liberal; comtudo a precisão de seus raciocinios, a harmonia de sua linguagem, e uma ironia pacifica, mas frizante, em lugar das declamações vagas e turbulentas que até então estavam em moda, logo deram a conhecer o

quanto a AURORA contrastava com os outros periodicos seus predecessores. E' quasi inutil referir que o estabelecimento de um jornal independente tornou-se offensiva á todos os partidos; comtudo essa mesma desintelligencia estimulava a curiosidade publica, e a circulação da AURORA tornou-se em breve mais extensa que a de nenhum outro periodico. »

Salles Torres Homem, esse artista da palavra, cujo estylo brilha e fere como o raio, esse pensador profundo, foi escriptor de tempera forte. Pamphletista como Cormenin, seus artigos, quer nos jornaes litterarios, quer nos jornaes politicos, são productos de grande valor em qualquer tempo e em qualquer paiz.

Justiniano José da Rocha, o discutidor mais eloquente e illustrado que temos tido, de uma fecundidade seductora, espirito de lucidez pasmosa, de verbo crystalino e vibrante; e Firmino Silva, intelligencia alimentada em solidos estudos, talento brilhante e de grande ductilidade, são nomes que o jornalismo fluminense archiva no livro de ouro de seus brazões e fidalguia.

Não menos illustre que qualquer d'esses, José de Alencar fulgiu na imprensa da capital do imperio como luminoso pharol. Ninguem melhor do que elle tratou com erudição de qualquer assumpto doutrinario, ninguem elevava a mais alto gráo a critica litteraria, e, na polemica incisiva, quer apaixo-

nado ou humoristico, era elle um batalhador enorme, de phrase mascula e scintillante.

E mais Tavares Bastos, pensador eloquente e inspirado, cujo estylo vale o bronze.

Pois bem, lá no extremo norte fulguraram tambem outras estrellas que podem, sem grande desvantagem, competir com estas da constellação jornalistica que fulgio no Rio de Janeiro.

Tanto nos dias difficeis que seguiram a independencia, como durante as despoticas obstinações do primeiro reinado; na época agitadissima da minoridade, como no periodo decorrido depois do—QUERO JÁ—que abriu o reinado actual: em todas essas quadras tem o Maranhão possuido jornalistas notaveis e uma imprensa recommendavel pelo patriotismo, saber e bom gosto litterario.

Sem querer formar parallelos e approximações, podemos todavia dizer que, a cada uma dessas grandes individualidades que apontamos, como os primeiros vultos do jornalismo que teve sua séde na côrte, corresponde um nome, uma capacidade, em tudo semelhante, na imprensa do Maranhão.

E' assim que, a Evaristo podemos oppor José Candido ou Odorico Mendes; a Torres Homem e Justiano Rocha—, João Lisboa ou Sotero dos Reis.

Esse confronto bem que póde ser rectificado após os perfis biographicos que esboçamos mais adiante.

II

E' o Maranhão inquestionavelmente uma das provincias onde melhor se falla e escreve o portuguez. Estuda-se a lingua com seriedade alli, e é por isso que os litteratos maranhenses são, antes de tudo, escriptores de castigada e correcta linguagem.

Sotero dos Reis, João Lisboa, Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Trajano Galvão, Henriques Leal, Gentil Braga, Marques Rodrigues, os dous Vilhenas, Candido Mendes, Theophilo de Carvalho, Luiz Carlos e muitos outros, são modellos de vernaculidade.

Alguns d'esses levaram o purismo ao mais alto gráo, e escreviam como se fossem contemporaneos de João de Barros.

As « Sextilhas de frei Antão » mostram como Gonçalves Dias sabia manejar o portuguez de ha tres seculos; e todos os escriptos de Odorico Mendes e Sotero dos Reis são do mais legitimo classismo.

Aquelles que, como João Lisboa, arriscam algumas temeridades á Garrett, ainda são perfeitos conhecedores da lingua e verdadeiros artistas da palavra.

Sem verificar neste momento como é que, com um orçamento, onde a verba para instrucção publica é tão parcamente dotada, consegue o Maranhão espalhar por toda sua zona o amor ás lettras a ponto de ser ella uma provincia de indole muito litteraria, assignalamos apenas o facto de que, não só na capital, mas que em Caxias e varias outras cidades e villas do interior, o cultivo da lingua foi sempre trabalho principal de todos os homens que se entregavam a estudos.

Nos Estados-Unidos o orçamento da instrucção publica é superior ao da marinha e de guerra, e em alguns estados da União elle absorve o terço do imposto.

Comprehende-se, á vista d'esses algarismos, a disseminação do ensino, e o dito de Tocqueville: « Eu creio que no mundo não ha paiz onde, guardada a proporção com a população, se encontre tão poucos sabios e menos pessoas ignorantes.

Como que no Maranhão dá-se o contrario: Sem que a media da mentalidade conserve um nivel igual

quanto ao ensino, destacam-se alli grandes eminencias litterarias, e, o que sobretudo avulta naquella parte do imperio, é a predilecção entre os que estudam pelas questões de bellas lettras, principalmente de philologia.

O Maranhão, além de ter possuido um jornalismo muito adiantado, é o berço do primeiro poeta lyrico nacional, do primeiro mathematico brazileiro e do primeiro traductor dos grandes poemas grego e latino, a « Illiada » e a « Eneida ».

Os escriptores maranhenses não enriqueceram com o trabalho da imprensa; nenhum d'elles garantiu para suas familias o pão quotidiano.

Talvez que seja por isso que vivem muitas de suas obras; ao esmero do artista que, não fazendo trabalho de fancaria, realisava o pensamento opposto ao do axioma de Stuart Mill, quando se referia a escriptos destinados ao viver de um dia, como são esses do jornalismo: « Les ecrits dont on vit, ne vivent pas ».

JOÃO LISBOA

Foi João Lisboa o primeiro dos jornalistas maranhenses, e não vemos razão para deixar de dizer, que, em todo o Brazil nenhum outro se lhe avantaja no primor da fórma, na erudição e substancia dos escriptos...

Tinha a eloquencia e o saber de Salles Torres Homem, o atticismo e amenidade de Francisco Octaviano. Era uma poderosa organisação jornalistica.

João Lisboa fez as suas primeiras armas no BRAZILEIRO, por elle fundado em 1832.

Esse periodico, que apenas durou tres mezes, trazia no alto uma epigraphe de Jouy:

« Journalistes de tous les pays, elevez-vous au-dessus des prejugés nationaux, denoncez tous les crimes, nommez tous les coupables.»

O BRAZILEIRO era impresso na Typographia Liberal e sahiu para substituir o PHAROL de José Candido.

João Lisboa tinha então 20 annos e, embora inexperiente, distinguiu-se immediatamente pela originalidade de suas idéas e coragem no modo de ennuncial-as.

Sem filiação á partido algum, o BRAZILEIRO era uma folha independente e justa. Foi liberal e adversario dos «moderados» quasi tanto como dos «restauradores»; reconhecia a bondade relativa d'aquelles, a systematica exageração dos exaltados.

Stigmatisava os portuguezes por causa das luctas inflammadas que se seguiram á independencia, mas isso era desculpavel á vista das provocações do tempo.

N'um tom sempre vibrante de patriotismo, João Lisboa nùnca alimentou questões por simples antipathias, e não procurava influir nas massas populares com desproveito da ordem e tranquilidade publica.

O BRAZILEIRO preferiu ser de um liberalismo doutrinario; e lá no extremo norte do imperio, discutia negocios geraes e muitos internacionaes com grande proficiencia e vigor de principios.

Quando o BRAZILEIRO surgiu encontrou o regimen das devassas, e por isso protestou contra taes violencias, tendo a seu lado a parte sã da provincia.

Cessou o BRAZILEIRO quando falleceu José Candido de Moraes e Silva, e então J. Lisboa fez reapparecer o PHAROL MARANHENSE, trazendo o primeiro exemplar sob sua redacção, o numero 352, porque, dizia João Lisboa, elle desejava trazer sempre viva a lembrança de José Candido.

Aquelle numero era o que se seguia ao ultimo da serie em que o PHAROL deixara de pertencer ao finado patriota.

Em 1833 cessou essa nova serie do PHAROL, que não continuou as demasias proprias da quadra anterior. Foi mais comedido ; mesmo reprovando actos do governo e profligando abusos, não visava electrisar as massas. Combateu a administração do presidente Araujo Vianna (depois Marquez de Sapucahy), porém teve a precisa lealdade para elogiar varios actos, que considerou bons, d'aquelle administrador.

Em 1834 João Lisboa funda o ECHO DO NORTE. Essa folha, que apparecia duas vezes por semana, cessou de ser publicada no terceiro anno de existencia. Trazia como epigraphe este verso de Ferreira :

« Aquella proveitosa liberdade
« De mostrar de mil erros a verdade,
« E do mais livre povo já soffrida
« E do mais poderoso receiada
« Porque entre nós será mal recebida? »

O Echo foi orgão do liberalismo, já então partido forte e organisado.

Não tinha compromissos com os corrilhos e defendia os principios com calorosa convicção. São notaveis n'essa folha os artigos em que censura a declaração da camara dos deputados de que só á ella compete discutir reformas constitucionaes; aquelles em que invoca os paraenses revoltosos ; as finissimas pinturas do partido retrogrado ; o largo debate sobre nacionalisação do commercio por meio de um imposto sobre os caixeiros estrangeiros ; e muitos outros que foram trasladados para periodicos das demais provincias.

O Echo do Norte batia-se galhardamente contra o Investigador redigido por Sotero dos Reis, e o Cacambo, do deputado Cajueiro.

Em 1838 appareceu o primeiro numero da Chronica Maranhense, fundada por João Lisboa.

Essa folha, sem duvida a melhor de quantas se publicaram no Maranhão, sahia duas vezes por semana. Sotero dos Reis, em um bosquejo que fez da imprensa do seu tempo, disse o seguinte com relação a Chronica Maranhense :

« E' opinião minha que até hoje ainda não se escreveu na provincia folha politica tão eloquente como a Chronica. »

Este juizo é de grande valor, porque Sotero foi adversario daquelle periodico, ao qual sempre combateu. Mas a Chronica Maranhense era um

jornal grave, e no qual admirava-se o estylo elegante e erudito sem affectação.

Já não era o inexperiente e fogoso jornalista dos primeiros annos.

Na CHRONICA são dignos de mensão os artigos sobre resistencia legal; a analyse da lei dos prefeitos; o exame desapaixonado, embora energico e severo, da administração Camargo, e a discussão sobre a revolta dos « Balaios ».

Em 1848 estava João Lisboa á testa do PUBLICADOR MARANHENSE, e sua passagem por aquella folha ficou assignalada de um modo especialissimo.

São primores de dialectica e censo critico os artigos sobre a repressão do trafico de escravos; a intervenção do Brazil no Rio da Prata; e a quéda de Rosas.

Foi no PUBLICADOR que João Lisboa escreveu aquelles graciosos e nunca olvidados folhetins relativos a festa dos Remedios, procissão dos ossos, e inauguração do theatro de S. Luiz. Essas paginas humoristicas e de uma ligeireza á H. Heine, foram percursoras do JORNAL DE TIMON.

Em 1852 começou a apparecer essa publicação, que marca uma epocha nos annaes da imprensa maranhense.

O JORNAL DE TIMON principiou a sahir mensalmente, in-octavo de 100 paginas. De 1853 em diante sahiu elle em volumes de 400 paginas e em periodos indeterminados.

Não nos parece que caiba nesta « Memoria », destinada a tratar da imprensa fugaz e que, na phrase do illustre jornalista francez J. Lemoine, não passa de « folhas que se dispersam com o vento do dia seguinte » a analyse de um livro immortal, como ficou sendo o Jornal de Timon, obra de grande vulto em nossa litteratura.

Nesses volumes ha estudos que lembram Guisot e criticas picantes que nada ficam restando aos pamphletos de Paul Louis Courier.

Sem fazer o indice da obra, apontaremos todavia como trabalhos de um perfeito acabado o ensaio sobre eleições na antiguidade, idade média e tempos modernos, terminando com o quadro da baixa politica da terra natal, satyra admiravel contra presidentes cabalistas, patulea eleitoral, e torpes manejos de degradada imprensa.

São notaveis tambem os estudos sobre responsabilidade do poder moderador e outras theses constitucionaes; a critica do segundo imperio francez; o episodio historico de Bequimão; a biographia do padre Antonio Vieira; e tudo quanto se refere a indios e escravidão no Brazil.

Martial e Tacito ao mesmo tempo, quando Timon apodera-se de um assumpto, domina-o como historiador, ou flagella-o pelo ridiculo.

As suas memorias sobre invasões hollandeza e franceza, bem como a analyse das viagens e explorações na America e tentativas malogradas dos

primeiros colonisadores do Maranhão, esclarecem muitas duvidas, lançando vivissima luz sobre pontos até hoje controvertidos.

No Jornal de Timon admira-se tanto o escriptor de estylo terso, severo e meditado, como o chasqueador faceto e pitoresco.

Talento cheio de opulencias e originalidades, manejava a phrase com vigor, e conhecia todas as opportunidades da expressão. Amoldando-se com graça e promptidão a differentes generos, aquelle estylo maleavel e matisado sabia ser apaixonado, garrido, erudito, e sempre sobranceiro no dizer.

Menos purista que Odorico Mendes ou Sotero dos Reis, entendia João Lisboa, que a lingua tem necessidade de acompanhar os progressos e evolução da sciencia, e que, sobretudo no jornal, onde a gymnastica diaria augmenta-lhe a facilidade de movimentos, não deve ella permanecer nesse quietismo classico, que é a negação da lucta.

Habil no manejo e transplantação de locuções estrangeiras, sua dicção era de lei, pois conhecia com superioridade todos os recursos da lingua.

Um jornalista portuguez, que não póde ser suspeito de conspirar contra o purismo classico, Teixeira de Vasconcellos, já havia dito: « Pela intervenção do jornalismo, a lingua portugueza, se perdeu uma parte de sua vernaculidade, adquiriu maior elasticidade do que antes tinha ».

Já antes delle escrevera Sainte Beuve:

« Convém distinguir em um idioma o que pertence ao gosto e a imaginação. Nada hoje impede que se invente palavras novas, uma vez que ellas sejam absolutamente necessarias. »

E' isso mesmo o que aconselhou Horacio na sua epistola aos Pisões:

« Porque não hei de ter o direito de enriquecer a minha lingua com algumas palavras de boa origem, quando Plauto e Ennio o fizeram antes de mim? »

João Lisboa pensava como de presente pensam todos os que se occupam com as questões de linguistica: que esse fetichismo pelo que foi a lingua é antes uma missão de antiquarios que de philologos.

A lingua é um meio, e não um fim. E' instrumento para a manifestação da ideia. Servirmo-nos d'ella de maneira que melhor nos façamos comprehendidos e que mais rapidamente traduza-se o nosso pensamento: eis o proposito de quem falla ou escreve.

Já se vê que tudo isso deve ser feito de accordo com o genio da lingua, com as exigencias grammaticaes, e tambem com o progresso das idades, e comprehensão do meio em que vivemos.

A citação das palavras de um grande mestre, como foi Charles Nodier, vale de muito neste momento. Disse o eminente philologo: « As linguas nascem, vivem, envelhecem e morrem como os homens, como as sociedades, como os mundos. A vita-

lidade, duração e modificações são acontecimentos fataes, que ninguem póde alterar. Os povos condemnados a uma eterna puericia conservam a lingua sempre na infancia; entre os povos decrepitos ella participa de sua impotencia e caducidade. Converter os diccionarios em leis, é fazer o codicilio das litteraturas ».

A lingua que nós hoje fallamos é aquella que mais promptamente traduz o nosso pensamento; restaurar uma outra, embora mais pura, porém que está entre os idiomas mortos, é querer fabricar uma linguagem privilegiada e para poucos iniciados.

Não temos a pretenção de romper com a tradicção, nem aconselhamos insurreição contra as boas regras, mas reputamos preocupação pouco propria deste seculo a assimilação de nossa linguagem á de Jacyntho Freire, ou de D. Diniz, e talvez mesmo que a do Goesto Ansures.

Taes restaurações não tiveram exito na America do Norte. Os livros de Longfellow, de Irwing, de Bryant, de Poe foram reputados na Inglaterra como escriptos em um dialecto bretão, mas os escriptores americanos impuzeram o seu inglez á antiga metropole, e não quizeram modelar seus livros pelo purismo de Addisson ou Johnson.

Identicos americanismos notam os hespanhoes no idioma de Marmol, de Mitre, Guido Spano, e outros.

Porque motivo hayemos de eximirmo-nos a lei geral, se no proprio Portugal de hoje não se falla ou escreve o antigo portuguez?

Os livros de João Lisboa, como os de Herculano e os de Garrett, são de tão profundo ensinamento como de agradavel leitura. Nelles não ha o proposito de não ser do seu tempo pela ostentação de purismo ou aferro a antigos vocabulos e construcções ora em desuzo.

Insistimos neste ponto, porque, se Sotero dos Reis é apreciado pelo seu classismo, não o deve ser menos aquelle, que, conhecedor de todos os segredos do velho idioma, soube, entretanto, adornal-o com novas graças e louçanias.

João Lisboa, o « Timon Brazileiro », além do seu indiscutivel merito como historiador e litterato de primeira ordem, é uma alta summidade no jornalismo periodico, e o seria sempre, não só no Brazil como em qualquer dos paizes mais cultos e adiantados do velho mundo.

SOTERO DOS REIS

Destaca-se, entre outras, a grande individualidade de Francisco Sotero dos Reis.

Esse illustre escriptor toda a sua vida não foi outra cousa senão um grande educador, quer na cathedra do magisterio, quer na tribuna jornalistica.

Deixaremos de parte o mestre, o latinista por excellencia, para só tratar do jornalista.

Quem não conhece as «Postillas de Grammatica Geral» o «Curso de Litteratura», e a traducção dos «Commentarios de Cezar»?

Em 1825 vemol-o fundando o MARANHENSE, hebdomadario escripto com muito bom senso, prudencia e sisudez no modo de encarar as questões patrioticas que se agitavam. O MARANHENSE foi um jornal conciliador entre os moderados e exaltados de então. Era mais conselheiro que paladino.

Em 1831, ao lado de Odorico Mendes, pregou, no CONSTITUCIONAL, o esquecimento do passado e o perdão aos illudidos. Foi o CONSTITUCIONAL um typo de cordura e de moderação.

Em 1836, funda Sotero dos Reis o INVESTIGADOR MARANHENSE que durou até 1839, sempre vigilante na defesa dos interesses sociaes e sobretudo estimulando o espirito publico para engrandecimento da provincia. Em 1840 foi esse periodico substituido pela REVISTA, a principal arena dos triumphos de Sotero dos REIS.

Foi n'esse importante orgão de publicidade que elle deu á estampa profundos artigos de critica litteraria, apresentando varios escriptores nacionaes aos applausos de seus concidadãos. O artigo sobre Gonçalves Dias, intitulado o «Desabrochar do talento» faz parte dessa serie.

A analyse por elle feita á memoria historica que, sem cabal conhecimento dos homens e dos factos, escreveu o Dr. Domingos de Magalhães (depois Visconde de Araguaya) é um estudo magistral que refuta victoriosamente o trabalho do secretario do presidente Luiz Alves de Lima.

Da mesma fórma a notavel biographia do presidente Olympio Machado, estudo succulento e de muitos meritos, que foi transcripto na REVISTA TRIMENSAL do Instituto Historico.

Ha na collecção da REVISTA uma pagina que pinta bem a elevação de vistas de Sotero dos Reis

e a delicadeza de seus sentimentos: é o artigo sobre a sublime fraqueza da mulher, quando elle viu as familias maranhenses expostas á insultos pessoaes em pasquins cheios de aleivosia, que sahiram á lume em certa quadra de desbragada licença partidaria.

A REVISTA deixou de apparecer em 1850; em 1851 fundou Sotero dos Reis o CORREIO DE ANNUNCIOS, que, em 1862, foi substituido pelo CONSTITUCIONAL, folha que pregava ideias de conciliação, e que não deve ser confundida com outra, tendo este mesmo titulo, que redigiu elle, em 1831, com Odorico Mendes.

Em 1854 entrou Sotero dos Reis para a redacção do OBSERVADOR, folha fundada pelo Dr. Candido Mendes, e nessa redacção permaneceu por espaço de dous annos.

Em 1856 passou a redigir a folha official, PUBLICADOR MARANHENSE, onde se conservou até 1861, época em que deixou o jornalismo por uma vez.

No PUBLICADOR sahiu, entre numerosos trabalhos seus, o estudo synthetico sobre a imprensa da provincia, verdadeiro primor de estylo e de observação.

Sotero dos Reis era um jornalista academico quanto ao purismo da phrase e compostura dos periodos. Espirito ordeiro, foi conservador por escola e temperamento. Sempre mostrou-se muito governamental, procurando o lado bom das adminis-

trações que sustentava, para defendel-as com nobreza de expressão e evitando personalidades.

Combateu com athletas da força de João Lisboa e era adversario respeitavel, quer pelo estudo das doutrinas que professava, quer pelo modo de argumentar, em que se revelava philologo e mestre da lingua portugueza.

Era para admirar a juvenilidade daquelle espirito, quando o corpo já contava 60 annos. Vendo-o tão activo na lide jornalistica e tão cheio de crenças, assim como Montaigne pensava, lendo o «Tratado da Velhice», de Cicero, tinha-se vontade tambem de envelhecer.

Censuravam a Sotero dos Reis o seu muito amor ao principio da autoridade, mas ninguem nunca o encontrou em flagrante delicto de cortezanice, e, se elle sempre procurou honrar o poder publico, era pelo horror que lhe inspirava a demagogia, com a qual teve pôr muitas vezes de luctar.

Sustentava os governos como vendo n'elles a expressão de interesses os mais essenciaes e permanentes da sociedade.

No mais, o seu espirito era aberto ás ideias de progresso e admirava a marcha da civilisação pelo impulso das forças democraticas.

Muitos de seus artigos tiveram grande influencia sobre os acontecimentos publicos da provincia pelo ensinamento e lição que nelles se continha.

JOSÉ CANDIDO

Foi José Candido de Moraes e Silva não só um apostolo, como um martyr da imprensa jornalistica.

Sómente redigiu um periodico, o PHAROL, mas essa folha exerceu sobre o povo tal influencia como jámais exerceu outra no Maranhão.

José Candido era rude e exagerado na linguagem, mas esta era tão franca e tão singella, que reconhecia-se perfeitamente quanto o illustrado tribuno fallava do intimo da alma e com abundancia de coração.

Ardentemente apaixonado, o PHAROL, como a AURORA, de Evaristo, tinha o dom de commover as multidões, fazendo pulsar com enthusiasmo a fibra do patriotismo.

O primeiro numero do PHAROL sahiu em Janeiro de 1827.

A principio foi publicação hebdomadaria, mas logo depois começou a sahir duas vezes por semana.

Teve, no tempo de José Candido, tres epigraphes. A primeira foi este pensamento de Fenelon:

« Les pays ou la domination du souverain est plus absolue, sont ceux ou les souverains sont moins puissants. »

A segunda epigraphe foram estes versos:

« Sempre affeito e sincero em meus escriptos,
« Só vos temo adular não desprazer-vos. »

Finalmente, teve esta:

« De circumloquios nada sei
« O caso conto como o caso foi;
« Na minha phrase de constante lei
« O ladrão é ladrão, o boi é boi. »

O pensamento e modo de viver da folha ficavam exactamente photographados nos traços iniciaes.

O Pharol, que nos seus primeiros numeros trazia a corôa imperial no alto da folha, acabou por supprimir tal emblema.

José Candido proclamou sempre a liberdade, professando o maior horror pelo absolutismo.

Censurou sem rebuço a autoridade prepotente, pelo que teve de homisiar-se, sendo perseguido ferozmente. Nessa occasião foi suspensa a publicação do PHAROL MARANHENSE.

Atacava o luzitanismo com o calor da ASTREA, com quem mais se assemelhava do que com a AURORA FLUMINENSE.

Luctou com a MINERVA e o BANDURRA, adversarios pequenos ante sua estatura herculea, e esses dous periodicos reaccionarios, orgãos de corcundismo, foram sempre vencidos, em todas as discussões, pela eloquencia e energia do PHAROL.

Presidentes e commandantes das armas quizeram impedir por vezes a publicação do periodico popular, mas José Candido nullificava todos os contratempos, correndo pessoalmente os maiores riscos. Na administração do marechal Costa Pinto a perseguição foi atrocissima. Com a chegada, porém, do presidente Araujo Vianna (depois Marquez de Sapucahy) o periodico que motivara as violencias da autoridade, passou a ser orgão semi-official.

José Candido era um escriptor talhado para aquellas grandes luctas que tiveram lugar nos annos immediatos a independencia.

Tinha muita coragem civica, illustração classica, e sobretudo fazia vibrar em seus escriptos o « patriotismo » como nota dominante e sempre afinada.

Jornalistas daquelle molde, se hoje parecem deslocados na imprensa politica, são, nos tempos de

crise, de um grande valor pelo que dizem e pelo que fazem.

O ascendente que teve sobre a população, a marcha que imprimiu aos acontecimentos, levantando os espiritos e oppondo resistencia temivel ao despotismo, ostensivo ou encapotado, tudo isso, e, mais que tudo: — a propagação das boas doutrinas democraticas, fazem de José Candido de Moraes e Silva um escriptor tão digno de admiração dos jornalistas de hoje como elle o foi de seus contemporaneos.

Seus artigos de polemista fogoso são todos inspirados no amor da patria, e dão prova do civismo e dedicação do redactor do Pharol.

Se o seu nome não pertence, como o de Sotero dos Reis, João Lisboa e Odorico Mendes, a galeria dos litteratos nacionaes, é que, na folha unica onde escreveu, os combates eram de outra especie e outras as preoccupações do escriptor.

Ha, entretanto, na collecção do Pharol bellas paginas de verdadeiro merecimento litterario, e que lembram os eloquentes, fogosos, e patrioticos libellos de Camillo Desmoulins.

ODORICO MENDES

Não é seguramente na imprensa jornalistica que se encontrará a medida de colossal talento desse escriptor, que pelo seu variado saber tão saliente lugar occupa entre os litteratos primaciaes da lingua portugueza.

A passagem de Manoel Odorico Mendes pelo jornalismo maranhense é apenas indicada pelo ARGOS DA LEI, folha de sua creação, e por alguns numeros do CONSTITUCIONAL que redigiu ao lado de Sotero dos Reis.

O ARGOS DA LEI appareceu em 1825. Apenas foram publicados 28 numeros.

Fundado e redigido por Odorico Mendes, era impresso na Typographia Nacional, e trazia esta epigraphe de Ferreira:

« Boas são leis, melhor o uso bom dellas. »

Limitava-se o ARGOS, em seus primeiros numeros, a publicação dos actos officiaes, algumas noticias e raros artigos sobre reformas administrativas e de instrucção publica.

Bateu-se com o CENSOR, advogado dos interesses portuguezes e infenso á independencia do Brazil.

Odorico Mendes n'esses debates por vezes perdeu a calma e a precisa tranquillidade de um doutrinario. Degladiou com doestos e injurias, atacando a todos os portuguezes collectivamente.

Alcançou por isso grande aurea entre os patriotas exaltados, e o ARGOS ganhou em popularidade quanto perdeu em moderação.

Atacou igualmente com violencia a administração do presidente Costa Barros, dando razão a lord Cochrane na séria controversia que teve com a presidencia da provincia.

Aquella folha apaixonada e violenta não presagiava o tom brando e condolente de quem depois tão vehemente veio a pedir « perdão para os illudidos ».

No CONSTITUCIONAL a individualidade politica e litteraria de Odorico Mendes melhor se accentúa, tanto pela prudencia como pela fórma castigada de que se serviu para demonstrar suas ideias.

Aquelle que, mais tarde, na imprensa da côrte e na de S. Paulo, ao lado de Costa Carvalho, tão brilhantemente se havia de distinguir, na imprensa

do Maranhão não deixou por certo traços indeleveis, como esses que marcaram depois sua individualidade no parlamento, e, mais do que isso, no convivio com as muzas gregas e latinas.

Entretanto, o jornalismo maranhense com justa razão ufana-se de ter, entre os seus fundadores, esse venerando mestre, tão glorioso nas luctas politicas do imperio, e tão respeitado, aqui e em Portugal, como um dos mais abalisados cultores do idioma de Camões.

GENTIL BRAGA

Foi curta a existencia desse vigoroso talento.

Poeta e apaixonado pela fórma, tinha a phrase cinzelada, polida, em filagranas, verdadeira joia trabalhada por Benvenuto Cellini.

A isso alliava um humorismo fino, fidalgo e, cheio de scintillações.

Não mencionaremos os jornaes que elle abrilhantou com sua collaboração fóra da provincia natal; daremos rapida noticia de sua passagem pelo jornalismo maranhense.

Em 1859, a convite de Sotero dos Reis, escreveu elle no PUBLICADOR MARANHENSE uma série de notaveis folhetins litterarios, verdadeiros primores no genero. Eram fantasias sem substancia, a « nuga difficil » de Horacio, e que denunciavam grande aptidão. Usando do pseudonymo « Flavio Reimar », que elle illustrou como traductor da ELOA, e autor do poema

« Clara Verbena », os folhetins de Gentil Braga, no PUBLICADOR MARANHENSE, foram suas credenciaes no jornalismo da provincia.

Como redactor da ORDEM E PROGRESSO, desde 1860 até 1861, publicou elle nesse periodico artigos admiraveis, taes como os que discutiam a entrada do corsario SUMTER, durante a guerra dos Estados-Unidos, no porto do Maranhão, sustentando as boas doutrinas de neutralidade. Esses artigos motivaram um aviso do ministro de estrangeiros explicando o direito dos neutros.

Não menos importante foi a analyse da presidencia Primo de Aguiar, paginas brilhantes, que depois foram colleccionadas em livro, formando o lancinante opusculo « Um Presidente e uma Assembléa ».

Na COALIÇÃO, que tambem redigiu de 1862 a 1867, além de numerosos artigos sobre politica geral e local, publicou Gentil Braga varios trabalhos de critica litteraria, e o minucioso exame do tratado da Villa da União, artigos energicos e incisivos, que, reunidos em um folheto, tiveram grande voga no Rio de Janeiro.

Em 1867 collaborou no SEMANARIO MARANHENSE e os artigos de litteratura amena que inserio nessa revista foram todos de real merecimento.

Desde 1874 até 1876 collaborou no LIBERAL em algumas chronicas graciosas que feriam o adversario com o ridiculo.

Moço, com pouco mais de 40 annos, desappareceu deste mundo Gentil Homem de Almeida Braga, deixando em meio muitos trabalhos litterarios, e perdendo nelle o jornalismo politico luctador valente, que pelejava com as melhores e mais invenciveis armas.

Entre as muitas intelligencias superiores que o Maranhão viu desapparecer na força da mocidade, como Gomes de Souza, Gonçalves Dias, Lisboa Serra, Franco de Sá, Trajano Galvão, Marques Rodrigues e Celso de Magalhães, occupa lugar notavel esse moço poeta e prosador distincto, recommendavel como jornalista esclarecido e politico digno de fé.

MARQUES RODRIGUES

O tirocinio desse distincto escriptor na imprensa periodica do Maranhão é apenas assignalado pela superioridade com que redigiu o GLOBO, e por alguns folhetins litterarios no PUBLICADOR MARANHENSE.

Tendo figurado entre os redactores da CONCILIAÇÃO logo que essa folha foi fundada, após o primeiro numero retirou-se da redacção, porque viu ameaçado com deportação para fóra do paiz a um membro de sua familia, de nacionalidade estrangeira, contra quem voltaram-se as iras do presidente atacado na imprensa.

Em Pernambuco, porém, ao lado de Nascimento Feitosa, escreveu por muito tempo no CIDADÃO; e em Coimbra fez parte da brilhante pleiade que trabalhou pelo romantismo no celebre periodico TROVADOR, onde collaboravam João de Lemos, Serpa Pimentel, Palmeirim e outros.

Marques Rodrigues era um talento serio e robustecido no estudo. Seus artigos sobre economia rural, ensino professional, e substituição do trabalho servil, são escriptos de grave pensador.

No Globo, muito e brilhantemente elucidou elle questões atinentes a instrucção publica, da qual foi desvelado propagandista, e aventou ideias utilissimas para a manutenção de uma escola agricola, que foi fundada na provincia.

A linguagem de Marques Rodrigues, sempre severa e sobria, não denunciava um poeta imaginoso como elle era. Seus artigos são desornados de imagens, terra-á-terra, verdadeiras lições para o povo, embora se note grande somma de conhecimentos em toda aquella singeleza e chanidade no dizer.

Os folhetins do Publicador Maranhense, assignados com o pseudonymo «Sancho Falstaff», eram digressões pitorescas, no gosto de Topffer, autor pelo qual tinha Marques Rodrigues particular predilecção.

No jornalismo de combate não era seguramente o lugar desse illustre escriptor; seu posto natural fôra n'uma revista scientifica, ou nesses periodicos vulgarisadores de conhecimentos uteis.

Como homem de lettras, tinha Antonio Marques Rodrigues grande aceitação, e deixou paginas, originaes e traduzidas, de harmoniosa e brilhante inspiração poetica.

CELSO DE MAGALHÃES

Quando em 1867 esse estudioso menino (teria então 16 annos) pela primeira vez appareceu na imprensa, escrevendo artigos litterarios para o SEMANARIO MARANHENSE, a redacção d'aquella revista disse convencidamente: que estreiava um talento de eleição.

A prophecia não foi mentirosa. Sem occuparmo-nos, porque sahe fóra do estreito quadro do nosso programma, com o muito que brilhantemente escreveu Celso de Magalhães na imprensa academica do Recife (onde sómente o seu estudo sobre a poesia popular no Brazil qualifica uma aptidão), para que seu nome figure com justiça n'esta resenha, é bastante a collecção de folhetins que, sob o pseudonymo de «Balcofrio», escreveu elle no PAIZ.

Imaginação vivaz, do que é testemunho o seu formoso livro de poesias; critico notavel pelo conhecimento que tinha dos mais adiantados processos de analyse philosophica, era Celso de Magalhães dotado de prompto talento de observação, tendo educado-se com estudos fortes e variados.

Nos folhetins do PAIZ, elle discutio com solidez e ao mesmo tempo com amenidade de estylo, as mais altas questões de lettras, de artes, de commercio ou industria, sempre rasgando horisontes novos e argumentando com abundancia de razão e de verdade.

Detestava o palavreado balofo e tinha um estylo condensado, manifestando suas ideias com rara lucidez.

Os folhetins de «Balcofrio» não são, como a maior parte de escriptos n'esse genero, destinados ao viver de um dia; reduzidos á livro em todo tempo valerão muito, porque n'elles se encontram admiraveis estudos sociologicos, de preço inestimavel como ideia e como producto artistico.

Depois de collaborar no PAIZ, e despeitado por questões de politica provincial, entrou para a redacção do TEMPO, folha conservadora, onde aquelle espirito, sinceramente republicano, não se devia sentir muito á vontade.

Ahi pouco se demorou, vindo a morte arrebatal-o no verdor da idade.

III

Mais extensa poderia ser a resenha de individualidades illustres na imprensa periodica maranhense, se não fosse nosso proposito omittir d'ella nomes de jornalistas que ainda vivem, uns militando, outros já retirados do combate mas ainda capazes de voltar a arena de seus triumphos.

Tambem, de entre os mortos, alguns outros perfis poderiam ser esboçados.

Faltou-nos porém tempo para colher mais informações, e demais, pareceu-nos bastante o que ahi fica para exemplificar o nossó asserto, relativamente a existencia de capacidades da primeira ordem no jornalismo maranhense.

Ainda outra razão obrigou-nos á deixar sem capitulo especial varios escriptores que illustraram algumas folhas da provincia.

E' que verdadeiramente esses foram jornalistas de occasião, e devem a nomeada mais á outros trabalhos litterarios, que deixaram, do que aos artigos com que contribuiram para a imprensa periodica.

N'esse caso estão, entre outros, os nomes que vamos declinar:

— Candido Mendes de Almeida, que tão importantes livros escreveu e tanto illustrou os annaes do nosso parlamento, não deixa reputação igual como jornalista que foi no Maranhão. Os artigos que escreveu no OBSERVADOR nem caracterisam uma individualidade, nem assignalam uma epocha.

Embora os assumptos politicos que debateu fossem tratados com a competencia de quem era bastante versado em questões sociaes, a especialidade de Candido Mendes não era a imprensa periodica, mas sim as paginas do livro de sciencia e as pesquizas historicas.

Dotado de um estylo desigual, frouxo, e por vezes nebuloso, Candido Mendes de Almeida era polemista que não desnorteava o adversario, máo grado sua pertinacia em combater.

Conservador de escola e por indole, nunca deixou de sustentar as theses autoritarias e catholicas com a convicção do mais fervoroso sectario de José de Maistre.

Intolerante na politica provincial, em muitas occasiões estreitou os horisontes da polemica para mais pungir aquelles com quem discutia.

O OBSERVADOR, durante a phase de sua redacção, apoia este juizo, quer com os artigos governamentaes, quer com os de opposição aos governos.

O que, porém, de mais notavel deixou na imprensa periodica, foram algumas indagações geographicas, taes como o trabalho sobre a Carolina, que passou a ser um livro de consulta, e que attesta quanto elle era sabedor da geographia do paiz.

— Antonio Gonçalves Dias não foi somente um poeta lyrico, chefe de escola: era prosador elegante e do mais seductor estylo.

O estudo que acompanha os « Annaes » de Berredo; as reflexões que serviram de prologo ao drama « Leonor de Mendonça »; seus outros dramas « Boabdil », e « Beatriz Cenci »; e mais a peregrina memoria sobre o Brazil e a Oceania, bastam para qualifical-o entre os mais distinctos de nossos escriptores.

Todos esses trabalhos, porém, tendem a collocal-o entre os bons criticos e estylistas que mais abrilhantaram revistas litterarias, do que entre os luctadores da imprensa diaria.

As cartas que, do Ceará, escreveu para diversos jornaes do Rio de Janeiro, sobre a commissão scientifica de que fazia parte, poderiam apresental-o como jornalista, no rigor do termo, porque n'ellas eram debatidas varias questões do dia, umas de valor scientifico e outras de interesse geral. Na imprensa da provincia, porém, não figuraram taes

publicações, pelo que não se póde com verdade enumerar o nome de Gonçalves Dias entre os dos escriptores que militaram na imprensa jornalistica do Maranhão.

Uma pagina, entretanto, deixou elle indelevel nas columnas da COALIÇÃO: referimo-nos a CARTA DO OUTRO MUNDO, curiosissima narrativa, em tom humoristico, que fez sahir depois da falsa noticia de seu fallecimento. Vence em graça e amenidade esse escripto aos mais interessantes folhetins de João Lisboa.

— Frederico José Corrêa sustentou por algum tempo discussões politicas na imprensa maranhense. Tambem escreveu artigos de critica litteraria e dissertações historicas.

Tinha estylo difuso e fazia timbre do mais systematico pessimismo. Dir-se-hia que seu prazer especial era ver as cousas pelo lado peior, assignalando defeitos sempre que tratava dos homens e dos factos.

Publicou alguns livros em prosa e verso, que, se revelam um espirito illustrado, deixam tambem em evidencia os apontados defeitos do jornalista: dureza de expressão e dureza de ideias.

— Francisco de M. Coutinho de Vilhena, que em mais de um periodo politico agitado figurou na redacção de varias folhas liberaes, não era propriamente jornalista.

Jurisconsulto abalisado, digno de hombrear com os mais illustres de que o paiz se orgulha, tinha maior

predilecção pelos estudos solitarios do gabinete do que pelas ruidosas luctas da polemica partidaria.

Democrata muito sincero, escreveu entretanto no DISSIDENTE, ECHO DA OPPOSIÇÃO, E CONCILIAÇÃO artigos de boa doutrina, recommendaveis pela solidez da dialectica e pelo masculo do dizer. Seu estylo, tanto em trabalhos juridicos como na imprensa, era substancioso, condensado, e muito correntio. Se foi, casualmente, um bom collaborador de folhas periodicas, não tinha comtudo organização jornalistica, e o que deixou espalhado na imprensa maranhense não vale seguramente a grande aurea que circumda-lhe o nome nas luctas forenses.

— Os irmãos Cantanhedes talvez merecessem menção especial.

Na redacção do ESTANDARTE, Pedro Cantanhede escreveu alguns artigos notaveis pelas ideias e brilho da phrase. Raymundo Cantanhede deu á varias folhas satyricas extraordinaria voga pelo tom alegre, brincalhão (as vezes mordaz e ás vezes chulo) de seus epigrammas partidarios. Caetano Cantanhede, talento muito cultivado e que dedicou-se á estudos de sciencia, publicou tambem no PROGRESSO, e no PUBLICADOR MARANHENSE uma série de phantasias litterarias, amenas e delicadas, sob o pseudonymo de « Sylvio Cubas ».

— Alexandre Theophilo de Carvalho Leal não foi um jornalista de profissão. Liberal de ideias adiantadas, nos differentes jornaes onde escreveu

deixou bem accentuado o pendor radicalmente reformista do seu superior espirito.

Mas sua collaboração era de mais alta valia sempre que se tratava de assumptos agricolas e economicos, sobretudo instituições de credito e transformação do trabalho.

Manejava a lingua portugueza como quem conhecia-lhe todos os segredos.

IV

Lançando rapida vista retrospectiva sobre o quadro dos jornalistas maranhenses, os quaes são em sua maior parte os nossos mais estimados poetas e prosadores, verifica-se quão infundado era o preconceito, admittido até certo tempo como verdade indisticutivel: — que a assiduidade na imprensa periodica prejudica áquelle que pretende ser « litterato » na genuina accepção do termo.

« O jornalista matou o escriptor », disse Varnhagen criticando o nosso « Timon ».

Mas o que é que vemos nós em opposição a esse aresto?

Gonçalves Dias, o poeta dos Tymbiras; Odorico Mendes, o traductor de Homero e Virgilio; Gentil Braga, Marques Rodrigues e Trajano Galvão, lyricos de remontada inspiração, todos jornalistas de polemica, e alguns delles politicos exaltados.

Sotero dos Reis e João Lisboa, modelos de elegancia e vernaculidade, estylistas de primor, máu grado a ininterrompida faina na imprensa jornalistica.

Contra esse aphorismo que ousa incompatibilisar a litteratura e o jornal, citaremos algumas palavras de escriptor moderno e muito em moda, d'aquelle que é hoje o chefe da escola de que foi Balzac o percursor.

Diz Emilio Zola:

«Á todo novel escriptor que me consultar, dir-lhe-hei:—Lançae-vos na imprensa cegamente como quem se atira a agua para aprender á nadar. É a unica escola n'este momento; é ahi, sob o ponto de vista especial do officio, que se póde forjar o estylo sobre a terrivel bigorna do artigo dia á dia. Sei perfeitamente que o jornalismo é accusado de esvasiar os homens, desviando-os de estudos serios e de outras ambições litterarias. A verdade, porém, é que elle só deixa vasios os que já tinham o vacuo no cerebro, e que só retem os indolentes que ambicionam pouco. Não me dirijo aos mediocres, porque esses ficam anullados no labor da imprensa, como podiam ter ficado vegetando no commercio ou no tabellionato.

«Fallo aos fortes, áquelles que trabalham e sabem querer. Que entrem sem medo nos jornaes: voltarão como soldados valentes depois de uma campanha: aguerridos, cobertos de feridas, senhores do seu officio e dos homens.»

CAPITULO QUARTO

A propaganda abolicionista na imprensa do Maranhão.

§

Quando o paiz agita-se, considerando que é tempo de encarar seriamente o problema da escravidão, nos é grato commemorar o facto de haver sido a imprensa do Maranhão uma das mais ardentes e antecipadas na propaganda abolicionista, procurando por todos os modos combater a hedionda instituição, que nos envergonha.

João Lisboa, que era fervoroso abolicionista, esteve á testa do movimento emancipador no jornalismo da provincia.

Além do romance que esboçou, no gosto da « Cabana do Pae Thomaz » e de que dá noticia seu illustre biographo Dr. Antonio Henriques Leal, os artigos sobre a repressão do trafico, que escreveu no PUBLICADOR MARANHENSE, e, mais que tudo isso, as paginas do JORNAL DE TIMON com referencia a escravidão, o collocam a par de Buxton e Channing.

A larga e fulminante apreciação por elle feita do captiveiro como instituição e os remedios apontados para supprimil-o, devem envergonhar os timidos e retardatarios estadistas de hoje, que só encontram perigos em se tratando da extincção do elemento servil.

Estão fazendo á escravidão concessões que revoltariam outra sociedade que não a nossa, ao mesmo tempo que dizem ser pouco prudente trazer para o debate a questão negra !

Os pseudo-philantropos, fallando muito em abalo social, encarecem a condição do escravo neste paiz, onde affirmam e juram que nada lhes falta, pelo que concluem que são elles mais felizes que o proletario europeu.

Se o homem tem necessidades intellectuaes e moraes a satisfazer; se, como o animal, elle não necessita só de alimentar-se e defender o corpo das injurias do tempo: não ha comparação possivel entre o escravo no Brazil e o proletario no velho mundo.

O negro, melhor alimentado, não se póde comparar ao faminto operario, que tem familia, filhos e esposa que lhe pertencem, e que póde regular a vida como entender, cultivando sua intelligencia e razão.

Assim, pois, aquelles que defendem o «statu quo» e pedem que continue a escravidão, por amor do escravo (!) não articulam uma verdade.

Os que julgam que o paiz perecerá quando sua industria ou lavoura não for o producto do braço escravo, esses erram ainda mais grosseiramente.

O elemento escravo representa um decimo da população do paiz; nelle ha portanto muitos elementos de trabalho livre, que podem ser sabiamente disciplinados.

Além disso, sobre as vantagens sociaes e financeiras da escravidão, escreveu o seguinte Erskine May tratando de Athenas:

« L'esclavage n'était pas moins nuisible à la moralité publique que le paganisme lui-même. Les athéniens avaient, il est vrai, le renom de traiter leurs esclaves plus humainement que leurs voisins, mais partout où l'esclavage a fleuri, il a endurci le cœur des maitres et entretenu l'égoisme; il a de plus porté un coup fatal á l'industrie. Le travail manuel, lot de la classe servile, était un déshonneur pour l'homme libre, occupé exclusivement de guerre et de politique. »

João Lisboa comprehendia bem isso, e por tal razão, tendo combatido o trafico na costa d'Africa, e depois o trafico interprovincial, elle pediu em altos brados a extincção completa da escravidão no Brazil.

N'estes ultimos tempos havemos vencido algumas resistencias e procura-se tornar inamovivel a escravatura do norte; todavia isso é muito pouco.

Emquanto não chega o momento de ser decretado, que ninguem mais será escravo nesta terra, convem ir emancipando já e já algumas provincias, aquellas que possuem em seu seio pequeno numero de captivos.

O Timon Brazileiro discutiu perfeitamente semelhante medida.

Uma lei redigida por Jefferson, em 1789, declarou nos Estados Unidos, que a escravidão era vedada no territorio ao noroeste do Ohio. Graças a essa lei protectora do Oeste, o « Far-West tornou-se, em 50 annos, a parte mais rica dos Estados Unidos, a parte que hoje mais pesa na balança.

O Ohio, Michigan, Indiana, Illinois sahiram dessa terra fecundada pela liberdade.

A abolição total, que, segundo diziam os terroristas, devia causar a ruina da União Americana, elevou o nivel moral da população e estimulou o espirito de iniciativa.

D'antes nenhum estrangeiro procurava o sul dos Estados Unidos em busca de fortuna. O que iria fazer o colono, que por unica riqueza só levava o seu braço, em um paiz onde o trabalho era desprezado por todos: pelo plantador que o entregava a escravos, pelo branco pobre que preferia a miseria, e pelo negro que o considerava uma maldição?

Com a extincção do captiveiro desappareceram todos os obices, e o sul da União é hoje, tão bem como o norte, a terra do immigrante.

Tudo isso previu João Lisboa, quando, em bem da colonisação estrangeira, pediu por todos os modos, que apagassemos da legislação a negra nodoa do captiveiro no Brazil.

Tudo quanto está escripto no JORNAL DE TIMON relativamente ao escravo e ao indio revela não só o grande publicista, como tambem perfeito homem de estado.

Combatendo o selvagem systema das bandeiras e a destruição do tapuia, á ferro e fogo (como pretendia certo historiador nacional, infelicissimo nessa questão), Timon espalhou doutrinas tão humanas como praticas.

Seu nome merece por semelhante motivo as benções dos homens pensadores e humanitarios; e á imprensa maranhense resulta d'ahi gloria invejavel: a de haver tratado tão magistralmente de tantos problemas de vital interesse para o paiz.

NOTA

Quando realisou-se nesta côrte a Exposição Bibliographica, para o fim de figurar entre os trabalhos exclusivamente emprehendidos para ella, foi delineada e escripta esta «Memoria».

Houve motivo que impediu sua publicação naquelle tempo.

Será hoje impressa tal como sahiu, sem novos retoques e correcções.

Além da leitura desses jornaes e revistas que constituem o objecto do nosso escripto, de muito auxilio nos foram os estudos biographicos do Dr. Antonio Henriques Leal, a monographia sobre arte typographica no Maranhão pelo Sr. J. Correia de Frias, e a resenha que, de uma phase da imprensa da provincia, fez, em artigos do PUBLICADOR MARANHENSE, o Sr. Francisco Sotero dos Reis.

MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME

Typographia de FARO & LINO